A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL



ESTUDOS EM TODAS AS ESPECIALIDADES E DIVERSOS ESTYLOS

POR

J. PEDROZO

LISBOA

1872

J. PEDROZO DES. E GRAV.

EMPREZA—HORAS ROMANTICAS
editou.

Á MEMORIA

DE

JOÃO SAMUEL PEDROZO

Fallecido com 18 annos de edade
aos 23 de Abril de 1870

Dedica

seu extremoso e saudoso pae

JOÃO PEDROZO GOMES DA SILVA



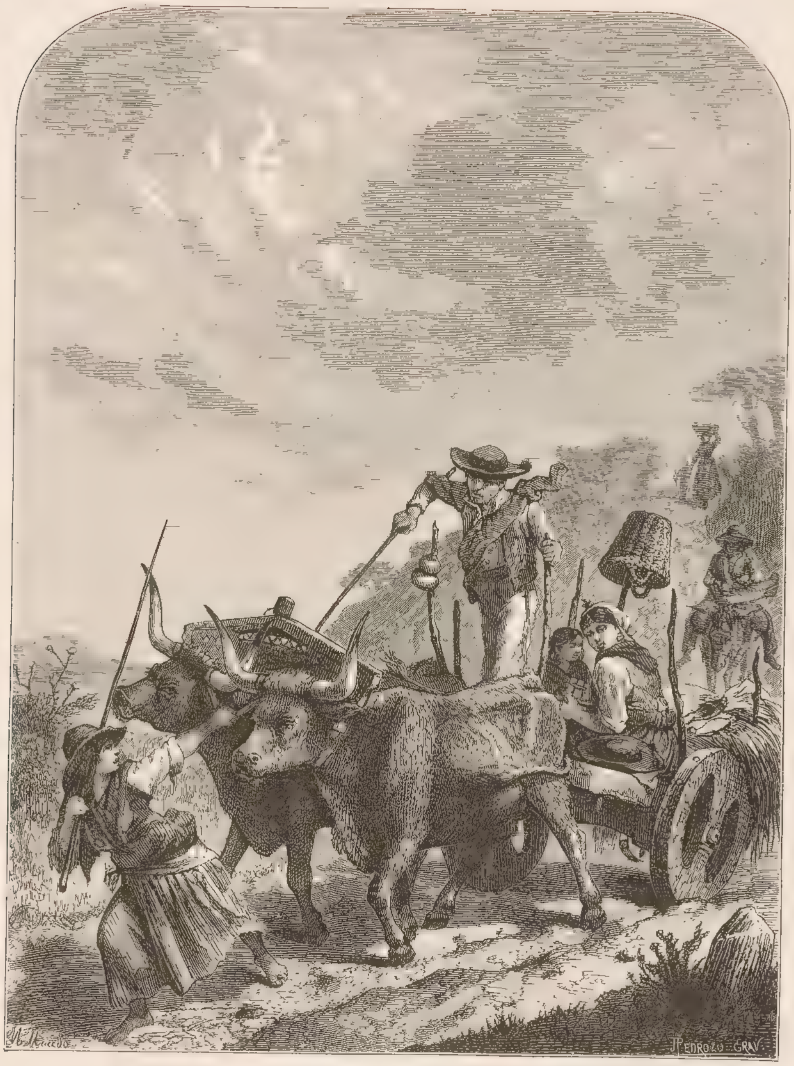
D. PEDRO V.

DES. DE J. PEDROZO, D'UMA ESCULT. DE A. CALMELS.



NA SERRA DO BUSSACO

DESENHO DE M. MACEDO.



COSTUMES DO PORTO.

QUADRO E DES. DE M. MACEDO.



TORRE DO BUGIO NA BARRA DE LISBOA.

DESENHO DE J. PEDROZO.



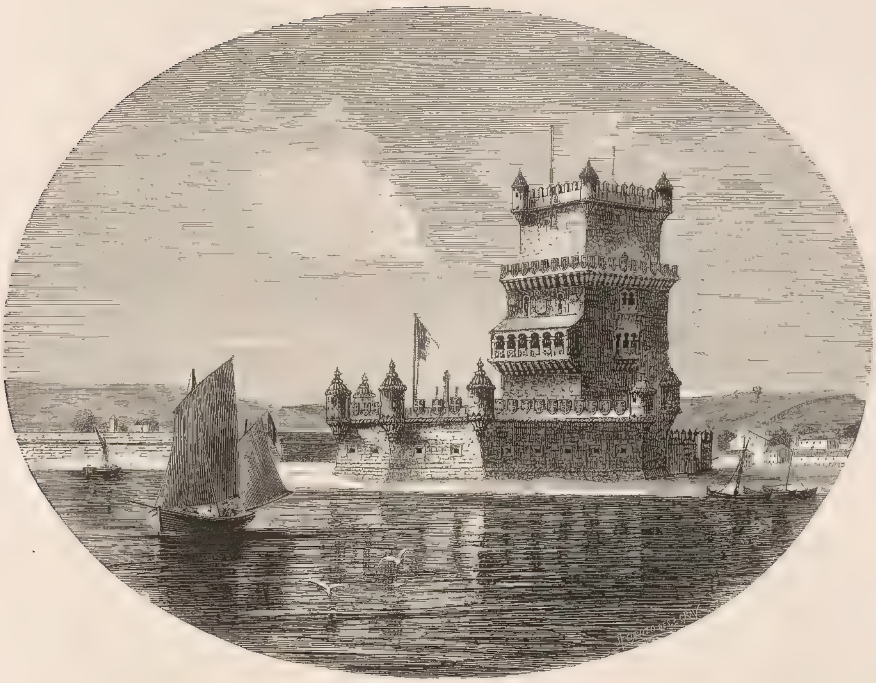
A CIRCASSIANA.

DESENHO DE J. PEDROZO, D'UM ORIGINAL ALLEMÃO.



LAPA DOS ESTEIOS, COIMBRA.

PINT. E DES. DE J CHRISTINO.



TORRE DE BELEM.

DESENHO DE J PEDROZO.



TYPOS DE LISBOA.—OS FADISTAS.

DESENHO DE R. BORDALLO PINHEIRO.



O PATRÃO JOAQUIM LOPES.

DESENHO DE J. PEDROZO



RIO MONDEGO.

DESENHO DE M. MACEDO.



UMA QUERENA NO TEJO.

DESENHO DE J. PEDROZO.



Á MEMORIA DO PINTOR PORTUGUEZ F. A. METRASS

DESENHO DE V. BASTOS



RIO ALGÉS.

DESENHO DE I. NEUTON.



TORRE DE S. JULIÃO, NA BARRA DE LISBOA.

DESENHO DE J. PEDROZO.



O SENDEIRO.

PINTURA E DES DE J. CHRISTINO.



OVARINAS.

DESENHO DE M. MACEDO.



AGUA-FORTE DE K. BODMER.

IMITAÇÃO EM MADEIRA. POR J. PEDROZO.



VARINO—BARCO DO TEJO.

DESENHO DE J. PEDROZO.



VASCO DA GAMA.

ESCULT. E DES. DE V. BASTOS.



DE VIGIA.

DESENHO DE [illegible] PEDROZO.



PORTA D'UM EDIFICIO ANTIGO—EM COIMBRA.

PHOT. DE F. ROCCHINI.



MENDIGO.

DESENHO DE M. MACEDO.



UMA FONTE NOS ARREDORES DO PORTO

DESENHO DE M. MACEDO.



O SERÃO

ESBOÇO DE M. A. LUPI.



CHROMO-TYPOGRAPHICA

POR J. PEDROZO

Indice alphabetico e descriptivo



gua-forte de Bodmer. — É um appellido illustre o de Bodmer, porque pertence a uma familia suissa e a uma familia allemã, que tem dado homens distinctos e cidadãos prestantes para as artes e para as industrias. O auctor do quadro, agua-forte esplendidamente reproduzida pela gravura em madeira, a que nos referimos, é Karl Bodmer. Nasceu na Suissa no primeiro lustro do presente seculo, mas tornou-se francez. As suas glorias artisticas são da França, que as regateia. Ninguem hoje lh'as pode contestar. Os artistas francezes estão já costumados a consideral-o como patricio e dão-lhe sempre logar preferente. Os mais bellos trabalhos de Karl Bodmer, apresentados á admiração dos entendidos nas exposições de Paris desde 1836, e dignos dos premios que obtiveram, foram sempre delineados e concluidos expressamente para a sua patria adoptiva. Elle tem obtido quatro ou cinco recompensas n'esses diversos certamens. A circumstancia de pertencer a duas nações, faz com que possa figurar alternadamente ao abrigo de duas bandeiras. Assim, na ultima exposição universal de Vienna de Austria, onde as bellas artes da França, por causa das desgraças que opprimiam aquelle grande paiz, não tiveram representação condigna, os trabalhos de Karl Bodmer figuraram no pavilhão da Suissa. Elle é ao mesmo tempo animalista e paisagista. As suas aguas-fortes são muito apreciadas. A sua fama é universal. Ninguem o excede, n'este genero, em quanto a nós, porque será difficil encontrar quem nos dê copia mais admiravel de graciosas linhas e nos apresente effeitos mais deslumbrantes de luz. As suas paisagens e os seus animaes tem magia. É por isso que a reproducção para a madeira de um quadro de Bodmer não é cousa de pequena monta. O sr. Pedroso, na gravura que citámos, venceu pois uma das maiores difficuldades que se conhecem na sua utilissima arte.

Bussaco (*Na serra do*). — Não é só celebrado o Bussaco pela opulencia das suas matas e pelo maravilhoso da sua posição, mas tambem por suas gloriosas recordações historicas. Se os viajantes tem razão para exaltar os encantos de Cintra, maior fundamento devem ter, de certo, para gabar a magnificencia d'aquella gigantéa floresta, que offerece aos olhos attonitos dos que a visitam as mais variadas paisagens e os mais surprehendentes quadros, e por isso lhe chamam a Cintra do norte. O convento do Bussaco, que pertenceu á ordem dos carmelitas descalços, data do segundo quartel do seculo XVII, mas ao tempo da sua fundação já existiam as matas, que os mesmos trataram, com o maximo desvelo, de augmentar e engrandecer, abrigando-as de mãos damninhas. Depois da extincção das communidades religiosas, e decorridos muitos annos, um cavalheiro de alto merito scientifico, funccionario zeloso e devotado aos progressos agricolas, tem curado com egual solicitude de enriquecer a floresta dando-lhe especies raras, que se vão ali aclimando a aprazimento dos entendidos. Além da magnificencia da mata, o Bussaco tem que vêr pelo mosteiro, pelas ermidas, e pela gruta do negro, como a que parece por sua lenda ter dado o nome áquelle sitio; e, finalmente, pela Cruz Alta, logar de tal modo eminente, que d'elle se avistam terras e povoados a distancia de 150 kilometros. Foi no Bussaco que se feriu uma batalha famosa, em 1810, pois que d'ahi resultou a derrota do exercito francez e o empanamento dos esplendores que cercavam e até então acompanhavam as legiões do feliz e audacioso imperador Napoleão I.

Circassiana *(A)*. — Pela correcção das linhas, pelo fogo do olhar, pela abundancia dos cabellos negros, pela graça e simplicidade dos adornos, pela expressão particular e insinuante da physionomia, temos ahi uma mulher que se assimelha a muitas mulheres de certas regiões da Europa, mas que não é da Europa: é da Asia. E todavia pertence á grande raça indo-européa, e especialmente á familia caucasica, tão celebrada em toda a parte pela esplendida formosura de suas filhas e pelo valor epico de seus filhos. Quantos dramas, quantas tragedias, quantas epopéas, se hão representado na espantosa cadeia de montanhas do Caucaso e entre as variadas tribus que as povoam em relação ou em guerra com os russos! Mas a *circassiana* da gravura tem uma posição meditativa: pensa, é em que pensa? Se os olhos são o espelho da alma, na alma d'aquella mulher está de necessidade formado um poema de amor. Será um abysmo?

Costumes do Porto. — So quem tem visitado o Porto e viajado pelo Minho, é que póde avaliar toda a formosura d'este quadro. Está n'elle compendiado, por mão de mestre, uma bella e ampla scena da vida laboriosa do nosso bom povo do norte, servindo-lhe até de realce um carro de feitio mais arrebicado que o que geralmente vemos no sul do reino, e uma junta de bois de raça especial, pequenos, mas espertos, nedios e valentemente armados. Bem aproveitado e significativo quadro! Como entram em concorrencia, no trabalho campesino, na actividade da vida aldeã, a cortarem as estradas, a descerem dos montes e das cumiadas, o homem e a mulher, o velho e a creança! Ali os temos em todos os planos. E, no ultimo, aquellas duas figuras como que assomam com aspecto phantastico recortando-se no horisonte, por entre o arvoredo a que a distancia e a neblina deram já tambem caprichosas formas.

Chromo-typographia. — Na industria typographica, ou antes na linguagem technica d'esta arte, a impressão da gravura em madeira chamou-se xylographica; ha muitos annos que o progresso tem ido modificando a technologia, por modo que a geração de hoje, se não se entrega a investigações do passado, não sabe como se entendia a geração de hontem. Dá-se isto com algumas artes. Da typographia podemos assegurar que o facto é verdadeiro; pois que, pelo que respeita aos formatos, ao numero e desenho dos caracteres, e a certos processos modernamente usados na composição e impressão, ha muita differença entre o que se usou e o que se usa. O emprego do termo xylographia tambem passou de moda. A impressão, quer seja com typos moveis, quer se faça com a madeira gravada, é *typographica* simplesmente, como para não deixar duvida de que saiu da typographia; e se lhe antecederam a palavra *chromo*, quer dizer que a impressão se fez em côres, como no caso da gravura desenhada com bom effeito pelo sr. Manuel de Macedo. Para chegar a este resultado, o gravador teve que gravar tantos pedaços de madeira quantos foram necessarios para combinar as quatro côres, porque o fragmento do desenho que se submette a uma côr não pode servir a outra. No complemento d'este trabalho, que se tem generalisado espantosamente em toda a parte pelos processos aperfeiçoadissimos da lithographia, o quinhão mais importante cabe ao impressor, e por isso o que se dedica á impressão das gravuras tem conquistado uma posição especial e muito mais valiosa para a industria. N'este ponto, digamol-o sem azedume e sem offensa, os nossos impressores estão ainda atrazados, posto se haja conseguido já, em algumas imprensas, dirigir a sua educação artistica por modo que se desempenhem condignamente de todas as exigencias dos que hoje mandam imprimir livros e periodicos illustrados. Se nos fôra licito, no espaço de que dispomos, mencionar a desvelada applicação de alguns dos nossos impressores e os bons resultados colhidos, seria possivel entrarmos na demonstração cabal de que a typographia, entre nós, tem melhorado consideravelmente e progredido a ponto de não ser raro vêr, nas tres primeiras cidades do reino (Lisboa, Porto e Coimbra), edições que podem competir com as que recebemos de fóra; e relativamente á impressão de folhas periodicas, temos bom logar na Europa. Cingindo-nos, entretanto, á gravura, diremos que se a typographia deve bons serviços aos irmãos Lallemant, a impressão está em grandissima divida para com o sr. Adolpho Lallemant, que, por sua provada habilidade e por seu incessante trabalho e estudo, tem honrado a arte no logar preeminente que lhe pertence por tantas obras delicadas e de gosto saidas de suas destras mãos.

Fadistas *(Os).* — São typos de Lisboa. Encontram-se nas ruas do bairro Alto e nas da Alfama. Parados ás esquinas, formando grupos ao mesmo tempo pittorescos e picarescos; ou dentro das lojas de bebidas ou das tabernas, especiaes n'aquelles bairros para elles, povoando as mesas, fallando, altercando, com gritos estridentes ou risotas alvares. A sua linguagem não é a linguagem commum, correntia, intelligivel para todos; é cortada, mastigada e muitas vezes figurativa, sem todavia ser poetica. A sua voz, alterada pelo cigarro de mau tabaco e pela aguardente e outras bebidas alcoolicas de infima qualidade, não tem o timbre agradavel. é aspera e rouquenha. O genuino fadista de Lisboa tem até córte particular no cabello: duas madeixas, que cáem dos lados cobrindo-lhe as orelhas, e sobresaindo-lhe no chapéo ou no barrete, são-lhe indispensavel complemento no figurino de bordel. Toca guitarra; canta o fado, nas occasiões de tristeza e nos momentos de alegria; e usa de navalha de ponta e mola, para se desenvencilhar nas circumstancias apertadas; mas o uso d'este instrumento cobarde e indigno, o leva por caminhos mais perigosos que o da vadiagem até as plagas africanas. Emfim... o typo é o que Raphael Bordallo desenhou na gravura. Ahi está: um toca e o outro canta. Não os têem visto por essas ruas? São como duas photographias.

Fonte *(Uma)* **nos arredores do Porto**. — Conhece o leitor os arrabaldes da cidade invicta? Se ha paisagens, que nos encantam, e de certo que todas as paisagens formosas inebriam os que as contemplam e admiram, o Porto leva n'isso vantagem a muitas outras terras portuguezas. Tem a melhor fama os seus arrabaldes e são sem duvida admiraveis as paisagens que nos apresentam. Ora, se acrescentarmos que existe uma fonte, junto de alguma arvore de tamanho colossal, em volta de cujo tronco se alinharia innumera tropa e á sombra de cujos opulentissimos ramos descansaria um regimento; e que essa fonte está transformada, todo o santo dia, em ponto de reunião de quatro ou seis raparigas, que lavam e enchem os cantaros, que riem e fallam dos seus amores e dos das suas visinhas, teremos imaginado um quadro que nos impressiona e nos deixa saudades, não amargas, como as entendia Garrett, mas deliciosas. Que franca e sincera alegria derramam no quadro aquellas incautas mocinhas!

Frontespicio — *A gravura em madeira em Portugal.* — Basta esta pagina para testemunhar que não ha especialidade, nem estylo, que o buril dos nossos gravadores não saiba hoje reproduzir. A lithographia, a typographia, a agua-forte, encontram um grande auxiliar e um audaz e feliz competidor na gravura em madeira. Aqui não ha contrafacção futil, nem imitação inepta: ha a similhança, ha a perfeição, ha a cooperação utilissima de uma arte para o desenvolvimento de outras artes e industrias. As florestas, os campos, as aguas, os animaes, os monumentos antigos e modernos, tudo é admiravelmente reproduzido na madeira, sem que possa deixar de louvar-se e encarecer-se a arte, da qual resultaram taes prodigios e o artista que, com todo o poder da sua vontade, da sua perseverança e da sua aptidão, contribue para elles. Um d'esses artistas animosos, um d'esses emprehendedores de alma desafogada e coração cheio de bons sentimentos, é o auctor do *Album*, de cuja breve descripção fomos encarregados: é o sr. João Pedroso Gomes da Silva, que tem o seu nome ligado a uma das melhores publicações litterarias que se fez em Portugal, nos ultimos annos, o *Archivo Pittoresco*, por iniciativa ousada e patriotica de dois honrados, modestos e benemeritos cidadãos, e que ha muito pertence ao corpo cathedratico da academia de bellas artes de Lisboa.

Para estudar as origens da gravura seria necessario entrar em longas e minuciosas investigações e escrever uma esmerilhadora dissertação. É geralmente sabido que os povos da mais remota antiguidade conheciam esta, como outras muitas artes, de que não nos chegaram nem as descripções, nem os processos, nem os nomes dos artistas e mestres, porém de que se nos deparam innumeros documentos na historia antiga, e de que não baldadamente encontraremos provas até nos livros da Biblia. As pessoas que visitarem a Persia, a Syria, o Egypto, a Grecia, a Italia, hão de vêr, n'essas e em outras partes do mundo percorridas e habitadas pelos phenicios e outros povos conquistadores, um sem numero de vestigios, nos cyppos, nas columnas, nos pilares, nas inscripções, em monumentos festivos, religiosos e sepulchraes, que nos certificam a existencia da gravura; mas em nenhuma região, nem em livro algum, se achará prova clara da sua origem. A arte foi passando de uns para outros povos; mas em quanto a nós, será difficilimo dar a primasia determinadamente a algum d'elles.

Dos estudos feitos com a maior circumspecção ácerca da gravura em madeira, de que especialmente nos occupâmos, mas de que só perfunctoria ou summariamente podemos tratar, resulta que é desconhecida a sua introducção na Europa. Quem e como se aprendeu a arte de gravar em madeira? Julgam uns que certos povos europeus recorreram aos da Asia, principalmente aos chins, para que lh'a ensinassem; pensam outros que, por occasião das cruzadas, entre o decorrer dos seculos XII e XIII, os cavalleiros mais applicados e estudiosos ao regressarem de seus audaciosos emprehendimentos, trouxeram a prenda para a Europa.

Sem nos inclinarmos á opinião dos primeiros, nem dos segundos, por nos faltarem as bases em que assentemos juizo seguro a esse respeito, sabemos que Papillon, membro de uma illustre familia de gravadores do seculo XVII, affirma ter visto specimens de gravuras em madeira do fim do seculo XIII, muitos annos depois das cruzadas, 20 ou 30 antes da invenção das cartas de jogar, e talvez 160 ou 170 antes dos primeiros monumentos da arte typographica. Como quer que seja, a gravura em madeira, depois do maravilhoso invento de Guttemberg, acompanhou a imprensa, mas não se desenvolveu tão rapidamente como ella no decurso dos annos, como prova de que aquella arte, apesar da sua antiguidade, por ser mais difficil não podia apresentar progressos tão accelerados. E o que parece tambem certo é que, por causa d'essa mesma difficuldade, apparecendo algumas gravuras detestaveis nas edições antigas, as vinhetas e estampas separadas do texto, saíam mais nitidas e melhores quando eram substituidas por gravuras em cobre.

Se podemos conjecturar com probabilidade de acerto que a gravura em madeira foi introduzida em Portugal com os primeiros estrangeiros que trouxeram a imprensa para a peninsula iberica, de que nos dão clara prova os specimens da *Historia de Vespasiano*, no ultimo lustro do seculo XV; tambem não será desasisado pensar, á vista dos monumentos da typographia, que, quando menos aqui, não houve, com relação á arte, gravadores e gravuras em madeira, a não ser os que ainda no alvorecer do seculo XVIII nos deixaram signaes da sua aptidão e do seu adeantamento como no *Lunario Perpetuo* e em outras obras de maior ou menor tomo, porém de egual merito e tão bem *illustradas* como aquella.

A arte da gravura viveu alguns seculos sem modificações sensiveis, até que a Revolução, transformando por uma evolução natural a existencia das sociedades européas, deu vida nova á imprensa, multiplicou as suas publicações e augmentou-lhes prodigiosamente o valor. Portugal não acompanhou, sem duvida, o movimento civilisador do qual brotavam tão bons fructos lá fóra, porque pelo que respeita á sciencia e á instrucção tem andado sempre atrazado; mas, quando entre nós tiveram inicio os periodicos illustrados com a fundação do *Archivo Popular* e do *Panorama*, bom será affirmar-se que elles acompanharam os seus congeneres estrangeiros; e que, trazendo para exemplo as publicações da França na mesma epoca, e comparando-as, achâmos que, na parte artistica, o atrazo de umas era egual ao das outras.

As pessimas gravuras portuguezas que em 1837 se imprimiram no *Panorama* estavam, relativamente, em condições quasi identicas ás das que se viam poucos annos antes no *Magasin pittoresque*. Devemos todavia, em obsequio á verdade, acrescentar que, ao passo que no estrangeiro, pela diversidade, abundancia e delicadeza dos lavores, pela cultura e pericia dos mestres e pelo aperfeiçoamento dos processos da impressão, a gravura em madeira tomava notavel desenvolvimento e adquiria justissima importancia; em Portugal a continuação do *Panorama* e de outros hebdomadarios que vieram com elle ou depois d'elle, não dava, em o nosso humilde entender, um passo real em beneficio da arte, e por duas faltas sensiveis: o desprimor no desenho e a impericia na impressão. Assim foi indo até 1858, em que appareceu o *Archivo Pittoresco*. Então por iniciativa de seus fundadores e á custa da sua bolsa, se estabeleceu na propria imprensa uma officina de gravura para acompanhar com um trabalho regular e methodico os progressos em que elles se empenhavam e as paginas do *Archivo* mostram que esses louvaveis esforços, tanto na parte typographica como na collaboração artistica, não tiveram resultados negativos. Quando se escrever a historia da gravura em Portugal este facto grandioso não deixará de ser mencionado. Data d'ahi, sem contestação o adeantamento e melhorámento das nossas publicações illustradas; e d'ahi nasceu (1863) a aula de gravura na academia de bellas artes, sendo nomeado para ella o sr. João Pedroso, que fôra o primeiro mestre na officina do *Archivo*; que é sem duvida o nosso primeiro gravador em madeira; e que, como testemunha presencial, durante onze annos consecutivos, asseverâmos tomára parte activa nos esforços por então registados com o devido encarecimento na imprensa periodica. Um dos seus companheiros, n'aquella officina, foi o fallecido desenhador Nogueira da Silva, que era geralmente estimado. O sr. Pedroso teve ali a satisfação de contar, entre os seus discipulos, Barbosa Lima e Vidal, tambem hoje fallecidos; Coelho Junior, Leotte e Caetano Alberto, os quaes vemos ao presente executar trabalhos variados, de importancia e dignos de menção.

Joaquim Lopes. — O patrão Joaquim Lopes é hoje um ancião de 75 annos. As rugas profundas da fronte, os alvos cabellos que lhe dão nobreza ao semblante, a tez requeimada que indica a aspereza da vida do mar, o olhar franco e insinuante dos homens leaes, a voz agradavel e o porte singelo e despretencioso, dizem que não está alli um typo vulgar, nem uma alma commum. Aquellas fitas e aquellas medalhas não são o indicio vão e ridiculo das vaidades humanas; nem o premio de actos de heroismo praticados nas lutas estereis e odientas, que se chamam guerras. O homem é um caracter extraordinario; as veneras são o symbolo indestructivel dos mais altos feitos humanitarios. Joaquim Lopes é um poema. A sua vida povoada das mais fulgurantes acções, tem a intensissima luz que fórma a aureola dos benemeritos e lhes determina e synthetisa a apothéose. Nos gigantéos feitos da humanidade elle tem inscripções magestosas e perduraveis. Desde que sulcou, por primeira vez, o oceano, em um barquinho de pesca, Joaquim Lopes sentiu-se grande no rugir das vagas, conheceu a necessidade de as dominar e dominou-as. Podiam ellas erguer-se espumantes, alterosas, ameaçadoras, com todo o horrendo aspecto dos barathros insondaveis, Joaquim Lopes passaria incolume; com a maxima confiança em Deus e em si, com o riso escarnecedor dos que tem certo o triumpho, affrontaria o perigo e as ondas haviam de obedecer-lhe — recuariam ante o seu atrevimento. E não se enganava. Elle tem restituido paes aos filhos, filhos aos paes, maridos ás esposas; entregado emfim muitos chefes de familias ao seio de suas casas, arrancando-os á voragem do Oceano. Nomeado, com o assentimento e o applauso unanime dos seus companheiros de trabalhos e perigos, patrão da falua do Bugio, de que era remador havia treze annos, e depois mestre do salva-vidas, de Paço-de-Arcos, Joaquim Lopes, desde 1830, tem visto a morte diante de si dezenas de vezes, mas nunca deixou de sair victorioso da tremenda lucta, nem deixou de dar a vida áquelles aos quaes se propunha salvar do abysmo. O velho patrão Joaquim Lopes conta, ainda hoje com justificado desvanecimento e admiravel simplicidade, essas acções em que sobresaía como a figura principal e verdadeiramente providencial. As primeiras medalhas, que lhe ornam o peito, recebeu-as de fóra; uma das ultimas foi-lhe concedida pelo governo portuguez, como prova indiscutivel de que em Portugal as recompensas são tardias, porque ha difficuldade em reconhecer e confessar que tambem, n'este solo, ha homens uteis e de merito. Joaquim Lopes está já reformado; gosa das honras de official de marinha; e declinou no filho a gloria de substituil-o no commando do salva-vidas e na segurança dos afflictos e dos naufragos, na barra de Lisboa. O

sr. João Pedroso, como homem que tem estudado longos annos o mar e os navios, e como artista enthusiasta do bom e do grandioso, parece que deixou correr o lapis e o buril com a pericia do mestre e a vontade do amigo, para dar o necessario relevo a todas as linhas do rosto sympathico do venerando ancião.

Lapa dos Esteios (*Coimbra*). — Recommenda-se a cidade heroica, a Lusa-Athenas, a patria de tantos varões illustres nas letras e nas sciencias, por muitos monumentos historicos e por grande numero de logares memoraveis. Um d'esses logares é a *Lapa dos Esteios*, cantada em prosa e verso, mil vezes citada por suas recordações perennes: nas folhas periodicas, nos livros dos nossos melhores vates, nas narrativas de viajantes e nas paginas intimas. Não vêdes a estampa? Ha nada mais suave, mais poetico, e mais delicioso que aquelle quadro? Como o Mondego se deslisa por entre os freixos e salgueiros, banhando as suas encantadoras margens; e como aquellas figuras, inebriando-se com os murmurios do rio e o esplendor das paisagens que d'ali se gosam, destacam graciosamente no plano! É imperdoavel ir a Coimbra e não visitar a *Lapa dos Esteios*. Perguntae-o a Castilho, a Rodrigues Cordeiro, a Serpa, a João de Lemos, a Thomaz Ribeiro, e a outros poetas; e consultae todos esses mancebos, milhares d'elles, que tem ennobrecido os bancos da universidade. Quantas vezes procuraram elles, sulcando as limpidas aguas do Mondego e serpenteando em apropriado barquinho as doirejantes ribas e insuas, descansar de laboriosos estudos á fresca sombra d'aquelle amenissimo sitio!

Mendigo. — O mendigo das ruas é falso ou verdadeiro. O falso é membro de uma grande familia, mas de uma familia nomada. Não tem patria, nem lar. Todas as terras lhe convem, todos os albergues lhe são necessarios, em todos os cantos da terra encontra pessoas com as quaes se entende, porém das quaes se liga ou desliga conforme os interesses da sua industria. É por isso o mesmo em toda a parte. Supplica e estende a mão de egual modo, allega identicas rasões, são da mesma natureza os seus queixumes. A caridade publica já tem sido illudida pelas fraudes da mendicidade. Os farrapos tem por vezes occultado a avaresa, a gatunagem e a preguiça; e as ulceras simuladas escondido a podridão moral. Todavia, infelizmente, o mendigo falso confunde-se com o verdadeiro, nas ruas e nas praças. O que se representa na gravura é falso ou verdadeiro? Está sentado e medita. Tem na mão direita o bordão das peregrinações; e aos pés o cabaz das esmolas. Procurou aquelle pardieiro e aquelle poial para descansar. Afastou-se do povoado para se orientar: seguirá a linha do norte ou a da sul? Fitando o céo, parece implorar-lhe a protecção. Pois se a sua indigencia é real, e se os rasgões das suas vestes são um signal da verdadeira miseria, quando o virmos assim não lhe fechemos a bolsa. Os que soccorrem a pobreza bem merecem de Deus.

Metrass (*Á memoria de*). — Homenagem artistica e commovente foi a que o sr. Victor Bastos rendeu á memoria de Metrass. Devem proceder assim os artistas distinctos como o nosso afamado estatuario. E com verdade, o seu apreciavel medalhão reuniu os trabalhos que levantavam a fama do pintor estimado e que constituiam os titulos da sua maior gloria. Em volta da effigie de Metrass vemos a reproducção de *Camões na gruta de Macau*, do *Só Deus!*, da *Leitura* e de um simples e elegantissimo esboço *Leda*, e é isto como entretecer quatro corôas para o mallogrado e inspirado artista, que tão moço teve que largar os pinceis, curvar o collo resignado á pertinaz enfermidade, despedir-se para sempre dos amigos, e deixar uma lacuna sensivel entre os seus companheiros da academia de bellas artes de Lisboa. A arte em Portugal perdêra um dos seus mais esmerados cultores. Leval-o-hia á sepultura o acrisolado amor á arte? arrastal-o-hiam ao abysmo os seus estudos e esforços para sobresair gentilmente entre os demais cultores? Metrass tinha uma intelligencia fina e uma compleição delicada; matavam-n'o a arte e o sentimento. A homenagem do sr. Victor Bastos, copiada n'esta bella gravura, diz-nos sobejamente que elle tinha bastante valor. Este tributo só se paga aos grandes artistas.

Ovarinas. — São robustas e ageis para todos os trabalhos. Não se occupam só em vender o peixe, que compram na Ribeira Nova; saem da sua terra, como em tribus, e empregam-se nas obras publicas e particulares. Temol-as encontrado nas estradas, ao lado dos homens, e fazendo tão bom serviço como elles. Em Lisboa, vendem o *Diario de Noticias* e as outras folhas de egual indole que tem apparecido depois. Foram as ovarinas que com os seus enxames de filhos e irmãos estabeleceram, por diligencia da empresa do *Diario de Noticias*, a venda avulso nas ruas dos milhares de folhas volantes, que tem desenvolvido por modo notavel o gosto pela leitura entre as classes populares. A sua actividade foi poderosa em auxiliar este meio de civilisação. As ovarinas empregam-se tambem na carga e descarga das fragatas, e em algumas fabricas. Nas horas de ocio, dentro das lojas e casas do sitio da Esperança, que ellas povoam, desfiam a estopa alcatroada para os calafates e fiam linho para o uso domestico. Passam vida laboriosa e poucas vezes divertida. Não lhes chega o tempo para amar. Os seus amores devem ser curtos e de desfecho rapido. As grandes occasiões para as suas alegrias são as dos seus noivados, em que toma parte a colonia que veio de Ovar e de outras terras do districto de Aveiro. Mas ha dois dias no anno de regosijo verdadeiro para estas familias. O primeiro é a vespera de S. João, tão popular santo que tem o condão de desatar, em jubilos, dansas e descantes, todas as terras do reino; o segundo é a festa do Senhor Jesus da Serra, em Bellas, á qual ellas concorrem em ranchos, cantando e bailando pela estrada até lá. Notaremos, comtudo, uma cousa para justificar a estampa. As mulheres de Ovar gosam da fama de serem as mais formosas de Portugal. Já ali vimos, com effeito, alguns typos que podiam entrar sem desfavor e em confronto com as mulheres do Caucaso; porém estamos persuadido de que o excesso e a rudeza dos trabalhos, e a inconstancia das emigrações, lhes alteram os semblantes, e que a maior parte das ovarinas de Lisboa não são verdadeiramente as ovarinas de Ovar.

Pedro V (*D.*). — Conhecia a importancia do cargo que desempenhava e não o occultava. Dizia que era difficil o officio de reinar, porque avaliava bem os espinhos do supremo poder. Amava a liberdade, não como homem que cinge a corôa, mas como homem que deseja ser, pela pratica das virtudes civicas, o primeiro cidadão na sua patria. Preferia, ao bulicio da sua côrte, o remanso do seu gabinete de estudo. Queria antes o conforto dos livros que a importunidade dos aulicos. Julgava de maior importancia a medalha humanitaria, significante de um acto meritorio; que a venera da ordem militar, que hoje não serve só para recompensar os feitos cavalleirosos, nem as provas de bravura. Comprehendia o mundo e gostava de ser util ao povo. Era philosopho. Tinha coração. Pensava, o que nem sempre fizeram os nossos reis. Estas qualidades e prendas eram tão geralmente reconhecidas, que por isso foi o *esperançoso* e o *bem amado* para todos, e a noticia da sua morte prematura causou amarguissima sensação no reino inteiro. O moço-rei D. Pedro V deixou o seu nome ligado a dois institutos scientificos, um que engrandeceu e o outro que fundou; e a sua memoria saudosa está perpetuada, em Portugal e no Brazil, em escolas e estabelecimentos de piedade e beneficencia. O busto da gravura foi copiado de uma esculptura do sr. Calmels. Os que conheceram o rei D. Pedro V e apreciam os altos dotes artisticos do esculptor nomeado, vêem para logo que o trabalho é notavel porque a similhança é irreprehensivel. Aquellas linhas, que tornavam agradavel e affectuosa a physionomia do mallogrado monarcha, estão fiel e habilmente reproduzidas no marmore, que se amolda sem difficuldade ás exigencias da arte e á pericia do sr. Calmels.

Porta de um edificio antigo. — Abrindo as paginas da historia de Portugal, não faltam n'ellas casos estupendos e tragicos. Um dos que verdadeiramente horrorisa é o d'aquelle monstruoso ardil que levou a vileza de D. Leonor Telles, mulher do rei D. Fernando, a celebre amante do conde Andeiro, a armar de punhal o braço de seu cunhado o infante D. João contra a innocente esposa, D. Maria Telles, a propria irmã da intrigante! Este lastimavel e horroroso caso, tanto mais execravel quanto manchava para sempre a vida de pessoas collocadas tão altas na escala social, occorreu em Coimbra pelos annos 1377 e por muito tempo se julgou que o logar do crime fôra a casa da rua de Sub-ripas (*sobre-a-riba*), cuja elegantissima porta se vê na gravura. Hoje está mais que provado que não foi. Quando não houvesse outras razões, que adduzir, bastava comparar a data da construcção da casa, entre 1540 e 1547, com a do assassinio, para vêr-se que não era possivel dar-se na que só se edificava cento e setenta annos depois. A porta da casa, de que se trata (comprada em 1514 pelo licenciado João Vaz), é de architectura manuelina, graciosa como todas d'aquella época e lavrada com o realce que se encontra nas obras de egual estylo. A casa, a que pertence a porta, tem fórma apalaçada, e construiram-n'a sobre um dos lanços da muralha, quando a camara foi concedendo aos particulares o terreno onde se assentavam as obras de fortificação que em épocas remotas defendiam Coimbra.

Querena (*Uma*) **no Téjo** O navio vira-se, descobre a quilha e prepara-se para limpeza e concerto. É operação perigosa, mas facil para os marinheiros e calafates portuguezes, que estão costumados a ella, e que é commum vêr-se em os nossos portos. Aos estrangeiros, que têem os seus fundeadouros com docas de abrigo e de concertos, não se lhes figurava natural que se pudesse virar uma embarcação no rio. Conta-se que os inglezes, quando ouviram fallar de querenas se admiraram, e — como o santo de quem se diz que não podia crêr sem vêr, — vieram ao Tejo para acreditarem e para louvarem a pericia dos nossos maritimos, que ainda são hoje dignos descendentes d'aquelles ousados varões que sulcaram os mares desconhecidos para darem ao mundo velho e ao mundo novo riquezas e luzes. Com a construcção de docas, comtudo, em Lisboa, nas duas margens do Tejo, as querenas estão hoje, para assim dizel-o, no ultimo periodo.

Rio Algés — Saiâmos de Lisboa e sigâmos caminho direito, sem parar, até Paço d'Arcos. Que esplendida estrada! De um lado o Tejo, com a opulencia das aguas e das innumeras embarcações que as sulcam; do outro lado, a casaria variada, as eminencias amplas e o arvoredo matisado, mil paisagens que distrahem e enlevam: todas as magnificencias e todos os encantos dos arrabaldes da capital do reino, realçados pelos deslumbramentos do rio, sem rival na Europa. Entre Pedrouços e Paço d'Arcos fica Algés. O sitio é pouco povoado, mas exuberantemente pittoresco. O rio, que no inverno toma bastante volume e tem corrente impetuosa, vem de um outeiro que defronta com Monsanto; e, como recebe contingente na agua de um regato, paga com prodigalidade o seu tributo ao mar. O quadro do sr. Isaias Newton não nos deixa em duvida, nem em falsidade, ácerca da belleza do sitio.

Rio Mondego — Dentro de Portugal, este rio é um de maior curso. Vem da serra da Estrella; mas partindo de Coimbra até desaguar na Figueira da Foz, percorre uma distancia superior a 40 kilometros. É tranquillo e limpido no verão, chegando até, em muitas partes, a mostrar o seu leito de doiradas areias; caudaloso e impetuoso no inverno, ao ponto de causar com espantosas innundações gravissimos damnos nos campos e nas propriedades. As suas margens offerecem notavel variedade de panoramas e a mais pomposa vegetação. Nenhum outro do reino lhe disputa a palma. Em presença do Rheno exige a primasia e é preciso dar-lh'a, na opinião dos que se acham habilitados a julgar a competencia. Os seus choupos, alamos e salgueiros, não tem rivaes, na graça com que se debruçam sobre as aguas e no favor com que abrigam á sua sombra

o viajante absorto na contemplação das maravilhas da natureza. Ainda que queirâmos fugir ás citações, fallando do Mondego é impossivel deixar de rememorarmos os bellos versos de Castro na sua rica *Ulysséa:*

Corre por entre os bosques divertido
Em curso tão sereno e socegado
Que nas voltas se mostra arrependido
De levar agua dôce ao mar salgado.

Sendeiro *(O)* — Quando vêmos um quadro, como o que nos apresenta com tanta verdade, o distincto pintor e professor Christino, lembra-nos logo applicar-lhe o soneto do nosso afamado Tolentino:

Vae, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente;
Não percas tempo, em quanto t'o consente
De magros cães faminto ajuntamento.

e desfechar-lhe :

Morre em paz . . .

Estava pedindo isto; mas o sendeiro da estampa, com arreios e albardão, e atraz de um burro tambem arreado e com carga em ceirões, ainda não merece o epitaphio do soneto alludido. Este sendeiro não se póde assim lançar á margem e pôr ao fresco em campos livres, como para que não lhe seja estranho desde já o local destinado á sepultura do seu cadaver. Não, senhores: este é util. Ha de ainda servir por muitos annos e prestar bons serviços aos donos, que conversam, lá no fundo, a respeito d'elle, e não desejam vêl-o desapparecer tão cedo de entre os vivos. Se este é unicamente o seu desejo, e se o desejo é sincero e desinteressado, que o sendeiro se conserve em pé. Fazemos eguaes votos, porque o da estampa é um bom sendeiro.

Serão *(O)* — É um desenho do sr. Lupi, professor de pintura da real academia de bellas artes. Nada mais simples, e nada mais natural. Parece uma agua-forte e não é. São dois traços de penna, delicados, sem pretenções, mas graciosos. Não é bem o fructo de um serão, como o titulo indica; é apenas um momento de um serão. Tão prodigiosa é a facilidade com que o sr. Lupi desenha, que este eximio professor é geralmente considerado, a par de habil pintor, como um dos nossos primeiros desenhadores. Ha muitos testemunhos em a numerosa serie de seus apreciaveis quadros, que revelam um espirito culto e um grande coração de artista.

Torre de Belem — Tem o nome de torre de S. Vicente e o vulgo é que lhe deu a denominação de *Torre de Belem*, que conserva. É uma construcção do ultimo quartel do seculo XV, e parece que foi capricho de um desenhador ou architecto d'aquelles tempos, protegido do rei. Chamâmos-lhes «capricho», porque não vêmos justificada a necessidade de levantar, para defensa de Lisboa, por então ameaçada de piratas e outros inimigos do reino, uma torre tão cheia de primores architectonicos, que se nos deparam agora muito bem reproduzidos na gravura. A fundação da torre de Belem é anterior á do convento dos Jeronymos, pois que tendo começo no reinado de D. João II veio a concluir-se nos primeiros annos do de D. Manuel. Todavia, aquelle padrão é digno do grande monumento manuelino e figuram um ao par do outro gloriosamente na historia de Portugal.

Torre do Bugio — Tem a invocação de S. Lourenço a torre do Bugio e a sua fundação data do fim do ultimo quartel do seculo XVI. Levantaram-n'a os governadores do reino na occasião em que o moço rei D. Sebastião, deslumbrado com os sonhos da gloria, se aventurava nas terras de Africa para perder a corôa e o reino; e foi continuada por esforços do cardeal-rei e do rei intruso Filippe, o primeiro que se apossou de Portugal. A torre do Bugio assenta em um ilhote ou cabeço, ao entrar a barra de Lisboa, pela parte do sul, e como está fronteira á torre de S. Julião, poderá cruzar, quando fôr necessario, o fogo da sua artilheria com a do outro lado. Em outros tempos constituiu, com a fortaleza que se erguia onde ao presente vêmos o lazareto, um dos melhores pontos da defensa maritima do porto. A torre do Bugio está como uns tres kilometros afastada da margem do norte onde se ergue a de S. Julião. Ha ali um excellente pharol de rotação, que indica a entrada do porto e os seus perigos a algumas milhas de distancia.

Torre de S. Julião — O que dissemos ácerca da torre do Bugio, em quanto á época da sua construcção e da necessidade de fundal-a para a defensa do porto de Lisboa, tem relação com a torre de S. Gião, como primeiro se lhe chamou, ou de S. Julião, como é hoje conhecida. O governo do primeiro Filippe de Castella, que teve o cuidado de concentrar esforços para completar e augmentar as fortificações da barra, tambem não se esqueceu de apropriar-se da torre de S. Julião para a transformar em prisão de estado, e começa ahi, infelizmente para a historia portugueza, a sua tristissima celebridade. Filippe mandou para a torre os membres da nobreza e do clero, que se oppunham aos seus designios e anceavam pela independencia da patria, e receberam alguns d'elles morte affrontosa; o marquez de Pombal tambem se aproveitou dos carceres da torre, para encerrar e aferrolhar os padres jesuitas accusados de auxiliarem a conspiração contra o rei D. José; e, por ultimo, o governo absoluto de D. Miguel, dando o mando a Telles Jordão, lançou n'essas masmorras os cidadãos, militares e paisanos de todas as cathegorias e classes, que contrariavam os tenebrosos planos de um despotismo feroz e conspiravam para totalmente os destruir. A torre de S. Julião serve ha annos de deposito disciplinar do exercito.

Varino. — É numerosa e variada a navegação do Tejo Na phrase elegante de um dos nossos mais primorosos escriptores, este rio tem a sua marinha especial, tão espantosa quantidade de barcos o sulcam e cruzam, tão diversa é a armação, a fórma e a lotação d'elles, e tão extensa por isso a sua nomenclatura. Entre as embarcações, pois, que pertencem ao Tejo, contam-se os moinhos, as rascas, as faluas, as moletas, os aveiros, as fragatas, os hiates, os varinos, as guigas, os vapores, os botes, os catraios, os escaleres, as canôas, etc. Muitos d'estes barcos, todavia, não se limitam á navegação fluvial e aventuram-se, barra em fóra, como a rasca que vae carregar de figo nos portos do Algarve, e a moleta, que empregando-se na pescaria, tambem arma em hiate para desempenhar alguma commissão do commercio. Outros destinam-se tão sómente á navegação fluvial, que se chama do Riba-Tejo. A maior parte das embarcações indicadas procede dos estaleiros do Barreiro e Seixal, cujos moradores tambem formam, commummente, as suas companhas, como os habitantes da Trafaria dão o maximo contingente para os serviços da pesca. Os barcos de mais elevada lotação e mais numerosos tripulantes vem, comtudo, dos estaleiros de Espozende, da Figueira, do Porto e de outras terras da beiramar do norte do reino. A armação, em geral, quer seja de dois mastros, quer seja de um, como a do varino da gravura, é com velas latinas.

Vasco da Gama. — O seu nome está ligado á epoca florescente e aurea da historia de Portugal. Tendo por guia as patrioticas aspirações e os audaciosos esforços do infante D. Henrique, dobrou cinco vezes o cabo da Boa Esperança para dar ao reino ainda maior importancia do que a que lhe tinham adquirido as tentativas e os descobrimentos anteriores. Apesar das desconsiderações que padeceu e das invejas que o seguiram, serviu por vinte e sete annos a sua patria augmentando-lhe a fama e o lustre, e afinal morreu na India e no governo d'ella que se lhe dera como tardia recompensa, porque os titulos de dom e de conde da Vidigueira, e a alta graduação de almirante do mar da India, não podiam de fórma alguma compensal-o de sacrificios já feitos e de serviços já prestados. O distincto esculptor, o sr. Victor Bastos, deu a este giganteo vulto a magestade que devia ter; e, pondo-lhe ao lado o globo terrestre e o mappa da India, para o qual Vasco da Gama aponta, não quiz deixar de indicar ali o maior e o mais luminoso brazão da sua gloria de navegador e descobridor. A estatua encommendada e executada para o arco triumphal da rua Augusta foi modelada com relevo e tem sobejos primores de cinzel. Não é das obras que menos honram o artista, já notavelmente apreciado por outros trabalhos tambem de valor.

Vigia *(De)* — São as aves como os outros animaes: sabem conservar-se para si, para os filhos e para os companheiros. Não ha rumor que deixem de conhecer, nem perigo que não saibam evitar. Surprehendem-n'as muitas vezes os caçadores, nos seus folguedos e exercicios venatorios, porque o chumbo ou as balas lhes cortaram os vôos e assim inutilisaram os seus esforços; mas não porque lhes faltasse a vigilancia que as acompanha. A perdiz, que a estampa accusa, e que é o encanto dos farejadores da boa caça e o jubilo dos amigos da appetitosa cosinha, é o que se sabe. Não perde um momento nos cuidados de que se cerca. Occultando-se no matto, entre as ramagens, os seus olhos vivos e perspicazes alcançam muito longe. Vêem o homem e adivinham o caçador. Se a occasião é perigosa, o seu vôo é rapido e alto. Corta o espaço como a flecha, mas, apesar d'isso, lá lhe chega a bala certeira de mão experimentada.

Brito Aranha.

INDICE ORDINAL



A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

Estudos em todas as especialidades e diversos estylos

POR
J. PEDROZO

COM ARTIGOS DESCRIPTIVOS

POR
BRITO ARANHA

LISBOA — 1876

EMPRESA HORAS ROMANTICAS — EDITOU.

1876 Lallemant frères tv

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

O CASTELLO DE ALMOUROL



Lê-se nos escriptos antigos e não ha duvida de que o castello de ALMOIREL, como se lhe chamou, ou de ALMOUROL, como foi depois conhecido, é fundação de D. Gualdim Paes, um dos mestres do Templo em Portugal. Em mui remotas investigações, por ventura mal succedidas, dava-se áquella fundação a data do declinar do ultimo quartel do seculo XIII; porém, explorações mais felizes e sensatas, porque se fundam nas proprias inscripções da fortaleza, designam a edificação no fim do terceiro quartel do seculo XII, com o que se prova que entre os estudos de uns e as investigações de outros ha a grande differença de 124 annos, que tantos vão de 1171 a 1295.

A situação da fortaleza é por demais poetica, e ainda pode admirar-se como um specimen da architectura militar d'aquella epoca, em confrontação com os monumentos deixados em muitas partes pelo feudalismo, apesar do estado de lastimoso desprezo em que o vemos hoje. Os annos vão-se encarregando de demolir pouco a pouco reliquias tão venerandas e de deixar quasi sem fórma um padrão eloquente de valor e patriotismo.

O castello assenta em um ilheo pedregoso, saindo do Tejo com a fórma oval e tem aproximadamente 130 metros de comprido por 70 de largo Está pouco mais ou menos a noventa kilometros de Lisboa e a mui curta distancia de Tancos. As urzes, os zambujos e os lentiscos, emmaranhando-se-lhe nas pedras, tem dado comtudo ao ilheo nova apparencia; ao passo que o desmoronamento do castello, que o tempo se encarrega de realisar sem dó, vae apresentando novo aspecto ás suas ameias e muralhas.

Haverá uns trinta annos, e segundo a descripção do *Jornal de Bellas Artes,* o castello de Almourol apresentava ainda na cerca exterior das muralhas quatro torres circulares, postas a eguaes distancias; no meio da segunda e da terceira torre a porta do castello, de forma gothica, tendo superiormente, e embutida na parede, a lapida, em que então se distinguia bem a inscripção. No meio do recinto erguia-se a torre de menagem. Em uma parte da muralha, do lado do sul, encontravam-se claros vestigios da existencia ali de uma casa. Para leste a cerca exterior apresentava mais cinco torres, o que prefazia o numero de nove para a defensa do recinto externo. Do lado do norte havia um caminho regular para o castello, que dentro de pouco se viu intransitavel com as pedras que iam caindo; mas, tentando entrar ahi, achava-se o visitante n'um pateo interior, onde estava a porta que devia communicar com os aposentos dos andares superiores. Sobre esta porta realçára-se um escudo de pedra, que brilhava por sua alvura no resto do edificio. Pelas fendas das paredes notava-se que os aposentos rematavam em abobada e que as janellas eram ornadas de vistosas laçarias e festões. Seria difficilimo hoje encontrar tantos vestigios para uma curiosa descripção.

Não faltam condições legendarias á fortaleza. Consideravam-n'a alguns, por sua singular situação, tão asada aos contos fabulosos e phantasticos, que a tornaram theatro de proezas e feitos que só podiam tomar vulto para as composições artificiosas adequadas ás estupendas épocas da cavallaria, como apropriadamente diz o sr. Mendes Leal nos *Monumentos Nacionaes* publicados em 1868.

Assim, já o castello foi logar das mais espantosas aventuras em que figuraram a formosissima Miraguarda, o gigante Almourol, que, pelo que se vê, usava do nome da fortaleza; o cavalleiro Triste, defensor d'aquella donzella, e outro gigante, o Dramusiando, que, pelos modos, queria medir forças com o Almourol, tambem em favor de Miraguarda. Mas, para juntar-se a este quantos romances poderiam occorrer ali, representar-se ao abrigo d'aquellas muralhas, e serem verdadeiros!

O castello de Almourol está, como disse, a pequena distancia de Tancos, ultimamente transformado em campo militar para os grandes exercicios, das differentes armas combinadas, que já ali se têem realisado; de Constancia, da Barquinha e de outras povoações do Ribatejo. A navegação, n'aquella parte do rio, é especial, como sobresae na excellente gravura, copia fidelissima de uma photographia da esplendida e opulenta collecção do sr. Carlos Relvas, o primeiro dos nossos photographos amadores. Está representado na gravura, como notei, um barco que tem o nome de savára, porque se destina á pesca do savel; mas o rio é cruzado por diversas embarcações chamadas de agua acima e com uma nomenclatura variada como em geral tem os centenares de barcos de todas as lotações que navegam no Tejo; e taes são a bateira, o varino, a corvineira, o saveiro, o batel, o alijó, o bote ribatejano e outros.

Se o castello, como symbolo de antigas eras e as suas ruinas cada vez maiores e do mais afflictivo aspecto para os amantes das antiguidades da patria, infundem profunda tristeza; as villas em crescente prosperidade e os campos em utilissima actividade, para os quaes parece olhar melancolicamente o vetusto e desprezado monumento, apresentam ali um contraste singular e risonho.

BRITO ARANHA.

1875, Lallemant Freres, Typ. Lisboa.



Lisboa. Impresso por Lallemant frères.

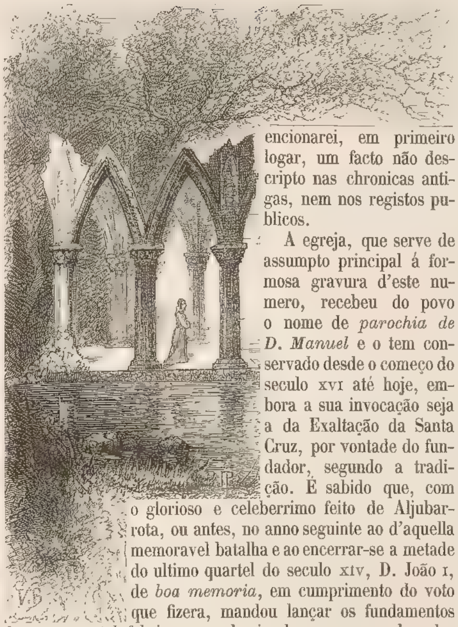
Empresa Horas Romanticas — Editora

O CASTELLO DE ALMOUROL

DES. DE I. NEWTON

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

PAROCHIA D'EL-REI D. MANUEL



Mencionarei, em primeiro logar, um facto não descripto nas chronicas antigas, nem nos registos publicos.

A egreja, que serve de assumpto principal á formosa gravura d'este numero, recebeu do povo o nome de *parochia de D. Manuel* e o tem conservado desde o começo do seculo XVI até hoje, embora a sua invocação seja a da Exaltação da Santa Cruz, por vontade do fundador, segundo a tradição. É sabido que, com o glorioso e celeberrimo feito de Aljubarrota, ou antes, no anno seguinte ao d'aquella memoravel batalha e ao encerrar-se a metade do ultimo quartel do seculo XIV, D. João I, de *boa memoria*, em cumprimento do voto que fizera, mandou lançar os fundamentos da monumental fabrica, que havia de ser o assombro dos nacionaes e a admiração dos estranhos, e o mais grandioso padrão das glorias portuguezas.

As obras do monumento foram, desde o seu começo, seguidas por sem duvida com algumas interrupções, nomeadamente no reinado anterior ao do rei *venturoso*, nos successivos governos de D. Duarte, D. Affonso V, D. João II, D. Manuel e D. João III; todavia, attendendo ao modo e ao interesse com que D. Manuel seguia e vigiava as obras monumentaes, estando os seus cuidados repartidos pelos actos e empresas que encheram o seu esplendido reinado, os trabalhos da maravilhosa fabrica da Batalha não foram descurados, e tanto assim que, augmentando ali o numero dos operarios e por consequencia a vida e o movimento, quiz elle honrar a povoação, dando-lhe foros com a desannexação da jurisdicção de Leiria e a cathegoria de villa.

Pouco depois, o rei D. Manuel, mostrando mais uma vez a sua predilecção para com a villa, determinou que se lançassem os fundamentos de um templo, não muito longe do monumento e no chão chamado da *mouraria*, e elevou esse templo a parochia sob a invocação já indicada. A capella de Nossa Senhora da Victoria é que servira até então para o exercicio parochial. A voz popular, que muitas vezes se traduz em uma expressão de reconhecimento, deu então á egreja o nome glorioso do seu fundador.

Suppõe-se que a fundação da parochia se deu por 1514; mas o que se sabe com certeza é que a edificação só veio a concluir-se em 1532 no reinado de D. João III, pela simples razão de que ainda hoje distinctamente se vê, na porta principal, debaixo das armas reaes, aquella data. Os bispos de Leiria gosavam do direito de ali apresentar vigario.

Na calamitosa epoca de 1810 foram destruidos ou dispersos todos os papeis valiosos, que constituiam o cartorio da villa, e que podiam acaso dar mais luz sobre este ponto.

Não sendo possivel, em 1834, continuar aquelle templo a servir de parochia, a camara municipal da Batalha representou e conseguiu, por intermedio do então governador do bispado, o fallecido conego Antunes Pinto, que o governo auctorisasse a transferencia para o extincto convento da Batalha, da ordem de S. Domingos, que ficou tendo o titulo de «monumental e parochial egreja da Exaltação da Santa Cruz da villa de Nossa Senhora da Victoria da Batalha»; dando-se ao parocho o uso da egreja com as suas capellas, etc., e á auctoridade o que depois passou para as obras publicas. A antiga parochia foi convertida em cemiterio.

O terremoto occorrido em novembro de 1858, que tantos dannos causou em varios pontos do reino, acabou de destruir o templo. O abalo fez abater o madeiramento do corpo da egreja, deixando só de pé as paredes, a torre com os sinos, e a capella-mór com as sacristias contiguas. Este é o seu estado actual. Porque sobresae ainda, com a maior elegancia, aquella porta que nos accusa mais um symbolo do formosissimo estylo manuelino, muitas pessoas supporiam, ao contemplar a estampa, que existe ali um edificio completo. Não existe. Aquillo são umas ruinas venerandas, apenas. O concelho tem pedido, e insistido, para que o governo destine alguma verba para a restauração d'aquella fabrica, mas não houve nunca solução satisfatoria das representações populares e piedosas.

O ponto da gravura, copiado da admiravel e preciosa collecção de photographias do insigne amador sr. Carlos Relvas, é realmente encantador e mostra que foi escolhido por quem tem alma de artista. As aguas, que lhe formam o primeiro plano, e onde vemos duas mulheres trabalhando, não são braço de alguns d'aquelles rios, que tem tão poetica memoria no districto de Leiria; constituem ali um riacho que recebe o tributo, mais copioso no inverno que no estio, de duas nascentes: uma corre dos logares de S. Jorge e Tojal, a que chamam a Fonte dos Valles; e outra corre do logar da Calvaria de Baixo, d'onde tambem os dominicanos recebiam a agua no seu convento, e era da sua posse Quando foram extinctas as ordens religiosas, os lavradores circumvisinhos, que podiam aproveitar-se d'aquellas nascentes, não tiveram n'isso a maior duvida, e porventura hoje, — diga-se sem acrimonia, nem censura, porque não me julgo auctorisado a fazel-a, — chamar-se-hão seus donos.

BRITO ARANHA.

1875, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.



Lisboa. Impresso por Lallemant

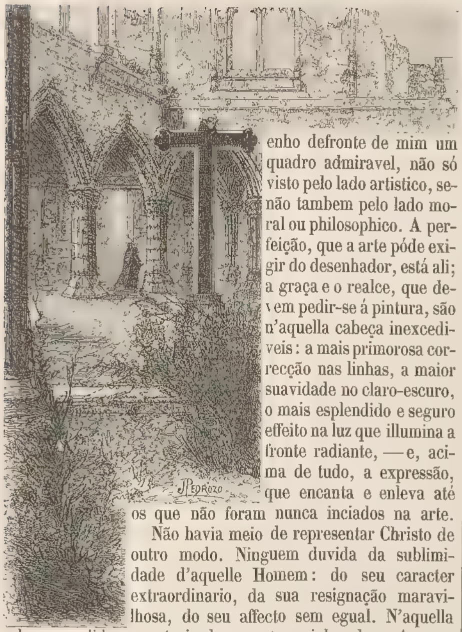
Empresa Horas Romanticas — Editora

PAROCHIA D'EL-REI D. MANOEL

DES. DE I. NEWTON

A GRAVURA DE MADEIRA
EM PORTUGAL

UM CHRISTO, DE LUINI



Tenho defronte de mim um quadro admiravel, não só visto pelo lado artistico, senão tambem pelo lado moral ou philosophico. A perfeição, que a arte póde exigir do desenhador, está ali; a graça e o realce, que devem pedir-se á pintura, são n'aquella cabeça inexcediveis: a mais primorosa correcção nas linhas, a maior suavidade no claro-escuro, o mais esplendido e seguro effeito na luz que illumina a fronte radiante, — e, acima de tudo, a expressão, que encanta e enleva até os que não foram nunca iniciados na arte.

Não havia meio de representar Christo de outro modo. Ninguem duvida da sublimidade d'aquelle Homem: do seu caracter extraordinario, da sua resignação maravilhosa, do seu affecto sem egual. N'aquella cabeça pendida e martyrisada com os espinhos da coróa, que é um escarneo traiçoeiro e villão; n'aquelle rosto mortificado e sereno; n'aquelle olhar amortecido, mas que não espelhará o odio nem na derradeira agonia, — adivinha-se para logo o horroroso drama que principiou no pretorio e acabou no Calvario.

Se a pintura tem uma grandiosa significação moral, e se tem uma alta importancia nas mais fulgurantes manifestações do genio e do talento, é quando nos dá taes maravilhas.

O quadro é de Bernardino Luini. Pertence este artista á pleiada assombrosa que veio abrir as portas do seculo XVI á arte na Italia, e que, pintores, esculptores, musicos, escriptores, e sempre poetas, porque embora nem todos fizessem versos, como podia suppôr-se da genuina interpretação do vocabulo, sabiam comtudo derramar, com os seus pinceis e com a força creadora das suas imaginações, torrentes de poesia em innumeras telas, que eram outros tantos prodigios; e que, desde Verrochio até Ferrari, Melzi e Razzi, como Salaino e Luini, n'um cyclo brilhante e opulentissimo, em volta de Leonardo de Vinci, que os excedia a todos, incluindo o seu mestre e seu chefe, como fundador de uma escola notavel, e como homem dotado de qualidades e prendas excepcionaes, marcaram épocas memoraveis na historia da pintura.

Consultando-se Vasari, o pintor-biographo, que se comprazia por vezes em não fallar de alguns dos seus antecessores ou contemporaneos na arte, ou de fallar pouco das circumstancias e dos meritos que podiam recommendal-os aos artistas vindouros, não se encontraria nada que satisfizesse ácerca de Bernardino Luini, porque se esqueceu d'elle. Todavia, apesar d'esta falta imperdoavel, que os futuros biographos trataram de reparar, não sem difficuldade, porque nem encontravam documentos, nem datas, os quadros de Luini haviam de sobresair forçosamente entre muitos outros, tambem primorosos, porque em parte imitavam com perfeição os de Vinci, de cuja iniciação procediam; e em parte revelavam uma vocação pronunciada e um estylo, o que dá caracter e individualidade ao artista.

Esta individualidade não podiam negal-a os emulos, que haviam de ser numerosos, á vista da collecção de seus frescos e da sobriedade com que dispunha a luz nas suas composições, em que bem se patenteavam todos os segredos do claro-escuro.

Figura-se-me que a indifferença de Vasari nasceu talvez do modo como o apreciaram alguns dos discipulos do grande fundador da escola florentina, ou porque elle julgaria Bernardino Luini, como simples imitador de Leonardo, sem talento e sem imaginação, abaixo da sua critica, que aliás não deixava de ser elevada e justa com outros artistas.

Com a cabeça do Christo, que serve de assumpto á estampa, dava-se a circumstancia de muitos entendedores e apreciadores a confundirem com um trabalho de Leonardo de Vinci, sem base segura para assentar tal juizo, nem documento com que o comprovassem.

Luini foi artista apaixonado e homem cioso. Dizem que, por causa de uns amores, se batera no campo e matára o adversario. O que é certo é que, depois de lhe attribuirem a morte de um homem, elle se refugiou no convento dos franciscanos de Lugano onde falleceu, deixando ali as *Tres cruzes*, um dos seus frescos mais apreciaveis. De outras informações pessoaes de Luini, sabe-se que teve dois filhos, aos quaes ensinou a pintura, e julga-se que floresceu desde 1470 a 1531. Não consta porém que algum d'elles excedesse o mestre, nem que deixasse obras que pudessem tomar-se pelas de Luini.

Para se obter a gravura, que é copia do formoso quadro existente na galeria da real academia de bellas artes de Lisboa, o sr. Almeida, um dos discipulos mais distinctos e estimaveis do sr. Lupi, desenhou a cabeça do Christo, que ninguem se farta de admirar, e o sr. Pedrozo executou depois na madeira o primoroso trabalho, a que o leitor dará o devido apreço. Esta gravura é, em quanto a mim, um dos bons trabalhos do sr. Pedrozo, que venceu n'elle uma das maiores difficuldades da arte de gravar. É como que especimen para exame, se o artista carecesse de mais esta bella prova da sua pericia.

Brito Aranha.

1875, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.



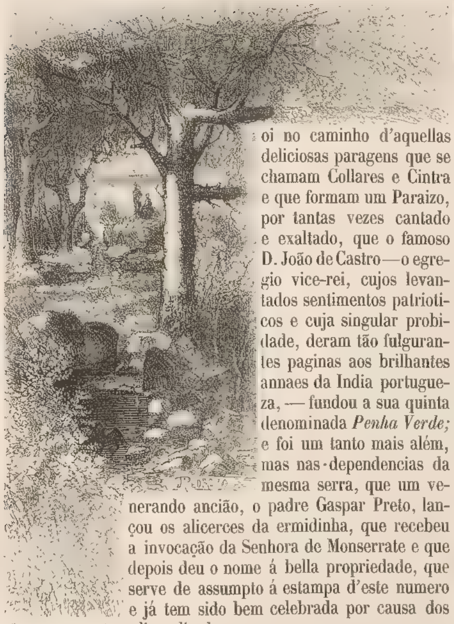
Lisboa. Impresso por Lallemant frères

UM CHRISTO, DE LUINI

QUADRO DA ACADEMIA DE BELLAS ARTES DE LISBOA

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

A QUINTA DE MONSERRATE



Foi no caminho d'aquellas deliciosas paragens que se chamam Collares e Cintra e que formam um Paraizo, por tantas vezes cantado e exaltado, que o famoso D. João de Castro — o egregio vice-rei, cujos levantados sentimentos patrioticos e cuja singular probidade, deram tão fulgurantes paginas aos brilhantes annaes da India portugueza, — fundou a sua quinta denominada *Penha Verde;* e foi um tanto mais além, mas nas dependencias da mesma serra, que um venerando ancião, o padre Gaspar Preto, lançou os alicerces da ermidinha, que recebeu a invocação da Senhora de Monserrate e que depois deu o nome á bella propriedade, que serve de assumpto á estampa d'este numero e já tem sido bem celebrada por causa dos aformoseamentos ali realisados.

Desde a fundação da ermidinha de Gaspar Preto, caida em ruinas, ao que se presuppõe, no começo do seculo XVIII, até que se sabe com certeza que a quinta de Monserrate veio a ser vinculada á familia Mello e Castro, que tambem deu um vice-rei e altos funccionarios á India, não ha, segundo investigações a que procedi, base segura para dizer a verdade ácerca das origens d'aquelle sitio, a que aliás o instituidor do morgado, Caetano de Mello e Castro, dá o nome da *Boa Vista,* que foi porventura o primitivo.

« Caetano de Mello e Castro instituiu morgado por testamento de 5 de abril de 1718, com obrigação de missa quotidiana a que obrigou a sua « quinta da Boa Vista, por outro nome de Monserrate, sita na freguezia de S. Martinho da villa de Cintra, e a missa se diria na ermida da mesma quinta. » Esta obrigação e instituição de morgado foi julgada por sentença de 9 de outubro de 1728. Antonio de Mello e Castro, descendente do instituidor, allegou que a missa não podia ser dita facilmente na referida ermida, por estar a quinta em « logar montuoso e em campo e sem estar pegada com povoação alguma, não havendo sacerdote que pela costumada esmola quizesse ir celebral-a ; » e por estes fundamentos alcançou um breve de Roma, em 10 de setembro de 1726, para transferir a missa para a egreja das Chagas de Lisboa.»

Depois de Antonio de Mello e Castro, a propriedade da quinta de Monserrate passou, mais ou menos cuidada, para Francisco de Mello e Castro (1755), e d'este para D. Francisca Xavier Marianna de Faro e Mello (1780-1790), que a arrendou, no ultimo anno indicado, ao negociante estrangeiro Gerardo Devisme, o fundador da opulenta propriedade de S. Domingos de Bemfica, que tem servido de residencia á senhora infanta D. Isabel Maria; — de Devisme, que principiára a dar nova forma á bella propriedade, passou a William Bekford, oriundo da Gran-Bretanha, de familia illustre e de avultados bens. Foi este inglez ricaço e de grande alma quem, destinando a quinta de Monserrate para vivenda principal, porque desejava afastar-se da patria por desgostos de familia, effectuou ali uma transformação, para assim dizel-o, quasi radical, dando áquella vivenda todos os confortos e toda a elegancia, que podem provir do bom uso do dinheiro e do gosto.

Saindo de Portugal, por lhe terem negado a mão de uma filha do marquez de Marialva, conforme encontro mencionado no *Archivo Pittoresco,* em artigo do meu erudito amigo sr. Vilhena Barbosa, Bekford deixou em abandono Monserrate, que, passando a varios donos sem solicitude, nem gosto, nem amor ao bello, cheios emfim de desleixo e incuria, caiu em ruinas.

N'este estado a encontrou, decorridos muitos annos do presente seculo, o seu actual proprietario, sr. Francisco Cook, subdito britannico, a quem o governo portuguez já concedeu, pelas suas circumstancias e pelos beneficios verificados nas propriedades de Monserrate e do Espirito Santo, em Cintra, o titulo bem merecido de visconde de Monserrate. O sr. Cook tem sabido honrar, por todas as fórmas, as gloriosas tradições do seu patricio Bekford. Aquella vivenda, consideravelmente augmentada e melhorada, tem adquirido o caracter de uma habitação luxuosa, em que a arte e a sciencia se alliam para lhe darem primores e realces. Compõe-se a propriedade actual de vasto palacio e deliciosissimos jardins, em situação pittoresca e encantadora, como agradavelmente sobresae na gravura.

Entre os objectos preciosos e de curiosidade, que o palacio contém em grande numero, encontra-se uma imagem de Santo Antonio, de boa esculptura.

Refere-se que o sr. Cook, levado pelo seu amor ás bellas artes, fôra a um leilão em Londres, e ahi se lhe deparou essa imagem, que, ao seu valor artistico, reunia a coincidencia de ter sido mandada fazer em Roma, pelo anterior proprietario de Monserrate, com destino para aquella magnifica vivenda. Verificou-se isto na inscripção, que se lia na peanha do santo.

Aos beneficios, que o concelho deve ao actual visconde de Monserrate, conta-se como um dos mais relevantes, a fundação de uma escola para meninas, habilmente dirigida e regularmente frequentada.

BRITO ARANHA.

1875, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.



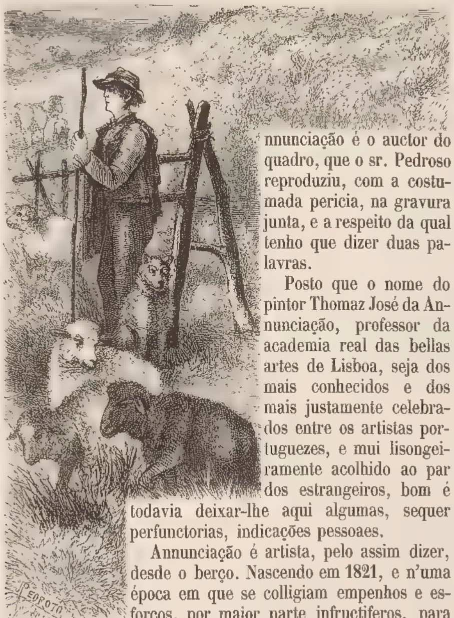
Lisboa. Impresso por Lallement frères

A QUINTA DE MONSERRATE

DES. DE J. NEWTON

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

QUADRO DE ANNUNCIAÇÃO



Annunciação é o auctor do quadro, que o sr. Pedroso reproduziu, com a costumada pericia, na gravura junta, e a respeito da qual tenho que dizer duas palavras.

Posto que o nome do pintor Thomaz José da Annunciação, professor da academia real das bellas artes de Lisboa, seja dos mais conhecidos e dos mais justamente celebrados entre os artistas portuguezes, e mui lisongeiramente acolhido ao par dos estrangeiros, bom é todavia deixar-lhe aqui algumas, sequer perfunctorias, indicações pessoaes.

Annunciação é artista, pelo assim dizer, desde o berço. Nascendo em 1821, e n'uma época em que se colligiam empenhos e esforços, por maior parte infructiferos, para fundar uma escola de bellas artes; em 1836 assiste com intimo jubilo á creação da academia, em 1837 matricula-se n'ella, e ao cabo de quatro annos deixa attonitos seus mestres, porque nunca pensavam que tinham em moço de tão verdes annos e de tamanha modestia, a prova de um prodigioso talento artistico. Annunciação conseguira ser premiado todos os annos. Depois seguiu, com egual distincção, o estudo da pintura historica; e em 1852, apresentando-se n'um concurso, ganhou para logo brilhantemente a cadeira na academia, que desde então desempenha com tanta honra propria e tão grande proveito do paiz.

Pelo que posso inferir dos apontamentos biographicos, já publicados, e certamente baseados em informações seguras, além do noviciado que lhe abriu radiantemente as portas do templo da arte, Annunciação teve outro noviciado, que lhe não podia abrir as portas de outro templo, mas que lhe deu logar a comprehender, com a luz que requeima e não fortalece, o mundo, com tudo que tem de invejoso e martyrisador, quando se trata de preparar a estrada que deve percorrer, e illuminar com os clarões do seu genio, o homem de provado talento e de reconhecida actividade.

Apezar de todas as contrariedades e de todas as torturas moraes, Annunciação, ao que presupponho, sentiu-se abatido perante o mundo, mas não entibiado perante o trabalho. Cobrou animo, quando muitos o julgavam já sem elle, e avançou. Ha quasi vinte annos que Thomaz José da Annunciação vê citado o seu nome na primeira plana, entre os pintores nacionaes; todavia na producção e execução rapida e maravilhosa, ninguem o excede. O numero dos quadros, que se encontram descriptos nos catalogos de diversas exposições de bellas artes, e nas relações de amadores e admiradores do artista de que trato, é extraordinario. Os discipulos de Annunciação, gabando as suas lições e a sua vida laboriosa, praticam por sem duvida um acto de justiça, porém ao mesmo tempo dão testemunho de que elles têm em Annunciação um mestre e um amigo. Por minha parte, não deixarei de dizer que tenho, desde a infancia, relações com um mancebo, estimavel por muitas e raras qualidades, o qual sendo discipulo de tão distincto professor, me confessou que o teve sempre a elle como amigo affectuoso. Pois este mancebo, cujo nome occulto para não offender a sua modestia, — e tambem n'isto se parece com o mestre, — é um habilissimo desenhador, um aguarelista mimoso e um animalista de grande futuro.

São, repito, sem conta os quadros de Annunciação, e não só se encontram nas casas das principaes e mais abastadas familias de Portugal, mas egualmente em muitas da Gran-Bretanha.

El-Rei D. Fernando, como patrocinador solicito de todos os artistas de merito, é um dos primeiros apreciadores do illustre professor e possue d'elle bom numero de trabalhos notaveis.

Tem cada artista a sua feição especial, o que constitue a sua maneira, o seu estylo; emfim, o typo que o caracterisa no meio da grande familia artistica e com relação á arte universal. Dedicando-se aos estudos de paizagem, Annunciação revelou desde todo o principio um estylo, que prenunciava uma grande vocação de paizagista e como tal era considerado e qualificado. Depois, por uma nova manifestação propria dos grandes talentos, e sem deixar de tratar com esmero a pintura sua predilecta, pôz como accessorio a paizagem, e fez sobresair o estudo dos animaes, como no assumpto da gravura junta, copia d'um quadro que o nosso artista mandou á exposição de bellas artes de Madrid, em 1871, onde foi apreciado e elogiado por entendidos, como era de esperar para tão grande talento. Vendo-se um quadro assim, em que se incluem dois generos de pintura, cada um dos quaes forma escola e familia distincta, não é mui difficil ajuizar que se Thomaz José da Annunciação é um paizagista notavel, tambem é um animalista habilissimo, revelando em qualquer dos generos estudo profundo e uma disposição não vulgar; e que, ultimamente, em quanto o meu humilde entender, mais se pronuncia o verdadeiro caracter do pintor em trabalhos como animalista, do que como paizagista. E que duvida! Pois não tem elle, e não terão todos os do seu genero, como guia e mestre a *Landseer?*

Brito Aranha.

1875, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.



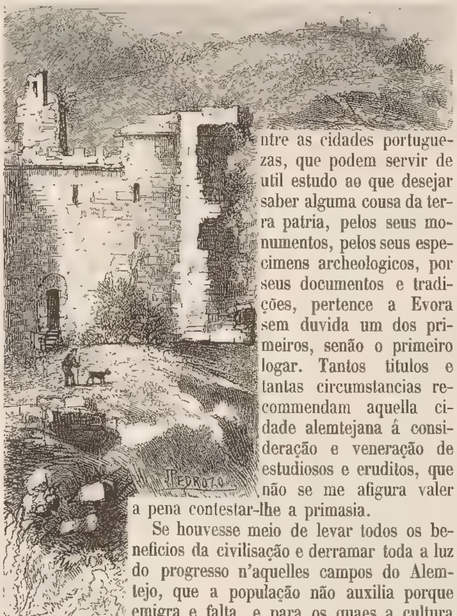
Empresa Horas Romar

EXTRAVIADOS DO REBANHO

QUADRO DE T. J. D'ANNUNCIAÇÃO — PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE MADRID EM 1871

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

PAÇO DE D. MANUEL EM EVORA



Entre as cidades portuguezas, que podem servir de util estudo ao que desejar saber alguma cousa da terra patria, pelos seus monumentos, pelos seus especimens archeologicos, por seus documentos e tradições, pertence a Evora sem duvida um dos primeiros, senão o primeiro logar. Tantos titulos e tantas circumstancias recommendam aquella cidade alemtejana á consideração e veneração de estudiosos e eruditos, que não se me afigura valer a pena contestar-lhe a primasia.

Se houvesse meio de levar todos os beneficios da civilisação e derramar toda a luz do progresso n'aquelles campos do Alemtejo, que a população não auxilia porque emigra e falta, e para os quaes a cultura é ingratissima ou descurada; e se tivessemos recursos para tratar com solicitude os monumentos, que vemos irem-se destruindo pouco a pouco até que totalmente desappareçam; e a arte, que visivelmente se definha, entre nós, apesar da boa vontade de muitos seus primorosos cultores, Evora seria mais considerada e melhor tratada pelos governos que não pensam nas artes, nem na sciencia, e teria maior numero de visitantes e mais animação.

No meio das gloriosas tradições, que afervoram e enraizam o sentimento patriotico; e ao lado dos padrões de esplendida e opulenta architectura, que engrandecem a memoria de outras eras, Evora parece olhar tristemente para as ruinas que augmentam e para as recordações honrosas que se apagam, e por vezes até as plantas e arbustos sequiosos accusam a inercia e desamor dos que governam e acrescentam as sombras e tristezas do quadro. Não applicarei isto sómente áquella cidade. Póde generalisar-se. Quando se discorre ácerca das nossas antiguidades, das reliquias que deviamos conservar da arte antiga para a arte moderna, vê-se que a inacção, o desaffecto, o desprimor, o vandalismo, e — por que não? — a ignorancia, são geraes! Como a nossa terra não é de artistas, para que conservar os monumentos em beneficio dos que estudam, dos que pretendem destruir com esforços incessantes e louvaveis o labéo, que se lhes lança de conta alheia e com que os offendem?

Evora, referindo-me ao que disse no principio, é uma cidade bem povoada de bons monumentos. Um dos que para logo chama a attenção do visitante, ao entrar no passeio publico, logar tornado mais que delicioso, pelo talento de Cinatti, um benemerito para aquella cidade e para o paiz, e um artista distincto em todas as partes onde se apresentam as provas da sua pericia e do seu engenho, — um dos que prende, repito, o forasteiro, é o chamado palacio do rei D. Manuel, de que vae junta a amostra perfeitissima, lado de sueste, na gravura do sr. João Pedroso. A parte, que alli sobresae comtudo, é a galeria dos paços reaes, obra esplendida e encanto dos apreciadores da architectura manuelina, em que as espheras symbolisam e certificam a época e a monarchia. Abundam n'ella, como se vê de um a outro extremo, as fórmas graciosas d'esse estylo caracteristico, que nasceu da nobre e gentil alliança dos modelos gothico e arabe; e egualmente um especimen puro do segundo dos modelos. É o extremo meridional formado por tres arcos, que destacam da edificação e que é trabalho diverso, ou de diversas mãos, de todo o palacio. Contemplando os tres arcos, em que se observam aquellas voltas de tijolos similhando a ferradura, distinctivo das construcções arabes, cujas galas opulentam a Alhambra e outros monumentos da Hespanha, houve quem attribuisse o corpo, que alli tem realce, ao proprio trabalho dos arabes, no tempo da sua dominação na peninsula. Foi esta a opinião de um grande historiador portuguez. No entretanto, ou averiguações mais felizes, ou hypotheses mais cordatas, ás quaes me inclino, affirmam que os tres arcos, comparados com outros especimens da cidade e com as fórmas phantasiosas de varias partes do edificio, de que me occupo, foram capricho do architecto ou mestre encarregado da obra dos paços.

Quando estive em Evora, confesso-o singelamente, demorei-me por algum tempo embevecido, ao lado de um estimavel e estimado antiquario, o sr. F. A. Barata, ante aquelles arcos, que se me representava transportarem-me á frente das esplendidas maravilhas de Cordova ou de Granada.

Aos primeiros paços, que os reis de Portugal tiveram em Evora, chamaram os antigos *estáos*, que alguns querem que signifique *hospedaria* ou *casa de aposentadoria* para os monarchas. Eram, ao que se presuppõe, proximos da praça dos touros, e em terreno pertencente ao convento dos franciscanos. Isto seria pelo seculo XIV, porque consta que ali estiveram D. Diniz e sua mulher, a rainha santa. Os novos paços todavia, no dizer de um erudito, só teriam começo pelo meado do seculo XV, para commodidade de D. Affonso V; e seriam continuados nos seguintes reinados, até que, pela dominação filippina, os frades franciscanos se lembraram, em seu proveito, de dar principio ás ruinas d'aquella obra monumental, occupando a parte que lhes convinha.

BRITO ARANHA.

1875, Lallemant Frères, Typ. Lisboa



PAÇO DE D. MANOEL EM EVORA

DEZ. DE [illegible]

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

VISCONDE DE CASTILHO



Prestemos tambem a nossa humilde, mas sincera homenagem, ao poeta que se foi. Dediquemos esta pagina á sua memoria. Consagremos, não uma biographia, que não pode haver aqui logar para uma obra de tomo; porém escrevamos algumas linhas a seu respeito.

Atravessou elle um periodo aureo da litteratura nacional, e ao par dos dois grandes homens que a enriqueceram e nobilitaram, egualmente contribuiu para o seu esplendor. E quando um se entregava aos graves estudos da historia, desentranhando as suas riquezas no paiz; quando o outro pensava e trabalhava na regeneração do theatro nacional, levantando-o á maior altura e preparando n'elle artistas de primeira ordem; o terceiro, Antonio Feliciano de Castilho, a quem nos referimos, começava já de arrotear o terreno em que havia de medrar e desenvolver-se a escola popular.

Foi o maior cuidado da sua vida inteira, embora não fosse o unico. Amava a escola como um pae pode amar seu filho, e dedicava-lhe carinhos e affectos em que ninguem poderia excedel-o.

Por causa d'esse amor profundissimo, e sem igual, á instrucção, é que elle acolhia com a maxima benevolencia, e até em prodigo convivio, os noveis escriptores que se achegavam d'elle, que procuravam a sua protecção litteraria, e que buscavam anciosamente comparticipar dos saborosos fructos do seu saber, e dos inexhauriveis thesouros da sua vasta erudição.

Era este um dos titulos das suas glorias immarcesciveis e ao mesmo tempo uma das origens de seus desgostos litterarios, porque por vezes transformaram tal dedicação e taes affectos em base para os ataques rudos e injustos dos seus adversarios. Uma consolação o acompanharia por sem duvida ainda em vida, e foi que tambem alguns dos adversarios e inimigos se curvaram depois ao seu talento, aos seus conselhos, e reconheceram os seus serviços, cujo brilho não podiam facilmente empanar.

Se entre os numerosos serviços que Antonio Feliciano de Castilho prestou á patria e ás letras, mencionámos preferentemente e perfuntoriamente aquelle com que favoreceu a escola popular, não foi para deixar de registar outros de subida importancia, em que elle manifestou por variadissimos modos o seu gosto apuradissimo, o sentimento elevado de um grande philosopho, a cultura de um espirito gentilissimo, e as raras prendas de um metrificador insigne e de um prosador inimitavel.

Os seus amigos, os seus discipulos, os seus collegas, os que viviam na intimidade da existencia de Castilho votada com exuberancia ás letras e á instrucção, os que lhe conheciam os desgostos e advinhavam os martyrios, que se traduziam como salutar compensação em obras, que todos conhecemos e que formam um volumoso catalogo, tiveram todos — bem cedo, infelizmente, porque a vida n'elle ainda podia prolongar-se e do seu talento ainda havia que esperar copiosos e viçosos fructos, — tiveram, repito, occasião de ver que, depois do seu passamento, as homenagens foram geraes, e em todas as apreciações havia a affirmação vigorosa das admiraveis qualidades e dos revelantissimos serviços de Castilho.

Tudo está soberbamente demonstrado nos seus livros, no *Camões*, em a *Noite do Castello*, no *Amor e melancolia*, nas *Cartas de Echo e Narcizo*, na *Primavera*, no *Outono*, nos *Fastos de Ovidio*, em que se encontram copiosas e interessantissimas annotações; na *Epistola* á imperatriz do Brazil; em numerosissimos artigos esparsos em muitas das nossas revistas e periodicos litterarios; na cooperação para a *Livraria classica;* na preciosissima collecção de suas cartas, umas publicadas, e a maior parte ineditas, nas quaes sobresaem com a mais fulgurante luz os altos predicados do seu engenho.

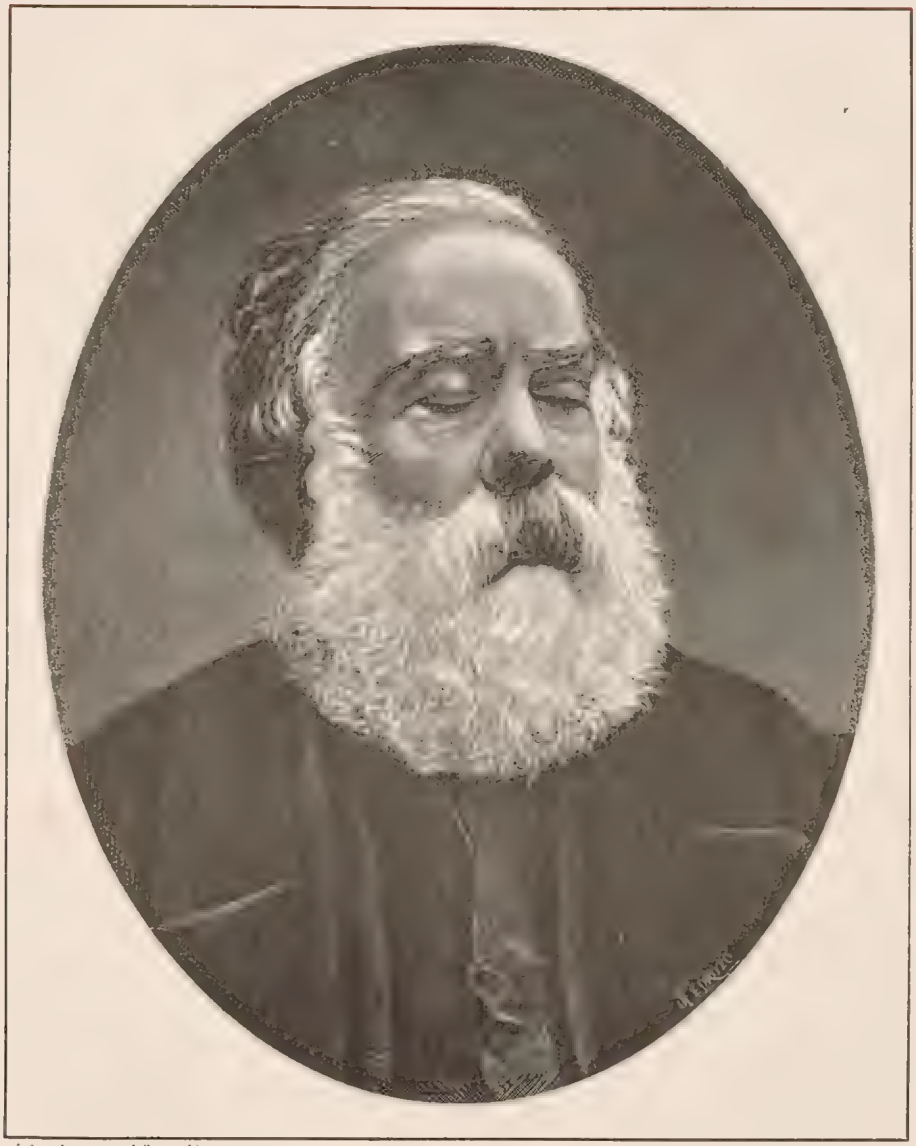
Depois, a apreciavel serie das suas traducções, nacionalisações brilhantes, opulentas de bellezas e perfeições, os *Colloquios*, de Timon, as *Methamorphoses*, de Ovidio, o theatro de Molière, o *D. Quichote*, de Cervantes Saavedra, e outras; e depois, a sua fundação da sociedade dos *Amigos das Lettras e das Artes*, na ilha de S. Miguel, e a natural propensão para auxiliar todas as edificações uteis e grandiosas.

Como enthusiasta ardente do modo de escrever de Antonio Feliciano de Castilho, do seu estylo, da elegancia da sua prosa, dos primores em que se desatavam os seus escriptos, das riquezas que encerravam para o aperfeiçoamento do idioma portuguez, tão descurado dos afrancezados, tão despresado d'esses que se enlevam nos ouropeis estranhos, confesso, com a maior franqueza, que a minha profunda admiração para o insigne poeta, e ainda mais insigne prosador, nasceu e alimentou-se principalmente pelas admiraveis paginas em que Castilho levantava com o extraordinario explendor, que deslumbrava, as lettras genuinamente nacionaes.

Não sei se é condigno o preito que rendo a Castilho n'estas breves linhas; mas é, como já disse, a singela expressão de um sentimento intimo por seu grande talento e da saudade que consagro á sua memoria. Na historia litteraria d'este seculo ha de haver sempre um primeiro logar para Antonio Feliciano de Castilho.

Brito Aranha.

1875, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

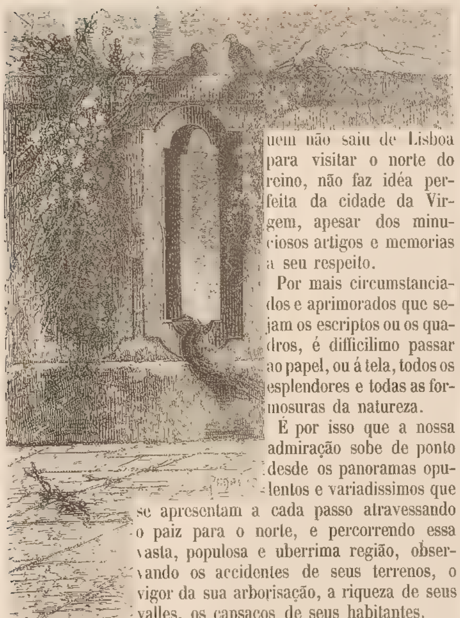


Lisboa, Impresso por Lallemant frères

Empresa Horas Romanticas — Editora

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

NA MARGEM DO DOURO



Quem não saiu de Lisboa para visitar o norte do reino, não faz idéa perfeita da cidade da Virgem, apesar dos minuciosos artigos e memorias a seu respeito.

Por mais circumstanciados e aprimorados que sejam os escriptos ou os quadros, é difficilimo passar ao papel, ou á tela, todos os esplendores e todas as formosuras da natureza.

É por isso que a nossa admiração sobe de ponto desde os panoramas opulentos e variadissimos que se apresentam a cada passo atravessando o paiz para o norte, e percorrendo essa vasta, populosa e uberrima região, observando os accidentes de seus terrenos, o vigor da sua arborisação, a riqueza de seus valles, os cansaços de seus habitantes.

Junte-se a taes encantos e surprezas a satisfação da viagem, o suavissimo prazer do *touriste*, que vê a todos os instantes novas pessoas e novos rostos, vivos, alegres e risonhos, que nos povoam o coração do mais santo jubilo, que nos desannuviam de tristezas e melancolias, porque não é licito a ninguem viajar melancolico e taciturno como em dia de funeral segue um coche do Lagoia e tem que parar, no meio das mais graves meditações, e na cogitação dos mais serios e arriscados problemas, á porta de um cemiterio.

Ha forçosamente de ser alegre e prasenteiro o que viaja. Dão-lhe o exemplo os companheiros e não tem de que arrepender-se.

Quer indo a Coimbra para saudarmos o Mondego, quer a Aveiro para vermos no Vouga como a imitação de Veneza, quer ao Porto para folgarmos nos arrabaldes da cidade ou nas margens do rio, encontraremos em toda a linha, e nas diversas estações pessoas e familias, que nos acolham como hospede bemquisto, que nos offereçam os seus lares, e que repartam comnosco das suas iguarias.

— A nossa casa é em Ovar!

— Visite-nos em Aveiro!

— Vá vêr-nos á Portella!

— Teremos prazer em que descance na Louzã!

— Não é longe da estação de Coimbra o albergue que podemos offerecer-lhe!

— Quando no regresso passar por Santarem, visite-nos em Alpiarça!

— Talvez inda não visse a aldeiasinha, em que habitamos!

— Espera-o uma surpreza!

— A surpreza que nasce do conjuncto dos panoramas, que se descobrem na accidentação do terreno!

— Subiremos á serra!

— Correremos o valle em toda a sua espantosa extensão!

— Que bellos horisontes!

— Que satisfação nos dará a sua presença!

Taes são as despedidas que frequentemente mimoseiam os que viajam por essas terras portuguezas.

E isto é verdadeiro; não são palavras, que se soltem ao acaso, nem banalidades sem significação. A franqueza, que revelam, é o caracteristico do nosso povo das provincias; a sinceridade, com que nos fazem o offerecimento, traduz-se em facto real, que não se altera na convivencia, e que ás vezes redobra até nos obsequios de que nos cercam, e não podem jámais obliterar-se.

Posso testemunhal-o.

Mas a natureza! mas aquelles soberbos quadros que nos subjugam!

Saindo das margens do Mondego para as do Douro, vemos reproduzirem-se todos aquelles resplendentes panoramas que nos embevecerem.

É verdade que o Douro, quasi sempre carrancudo no estio, é espantoso e horrivel no inverno; mas, em compensação, não ha nada comparavel com as suas margens, onde a verdura é luxuriante e perennal; assim como ninguem pode avaliar os feitiços dos arrabaldes do Porto, senão vendo-os e percorrendo-os.

As dezenas de barquinhos que cruzam o Douro, os descantes de suas tripulantes, as vozes harmoniosas e sentimentaes que reboam d'essas populares cantigas, parece que consoantes até com a poesia dos quadros que nos rodeiam, os mil ruidos de uma cidade populosa, industrial, exemplarmente laboriosa, acordada em todas as manifestações da civilisação e da liberdade, accesa de emulações em todas as homenagens ao progresso, tudo é de indescriptivel magia.

Haja vista a estampa.

Diga-me o leitor se não desejaria, por effeito de poder sobrenatural, vêr-se transportado subitamente para debaixo d'aquella florente ramagem que deve offerecer tão grata sombra, e sulcar em algum dos barquinhos, que estão além, aquelle rio em que se elles espelham e que por sua serenidade convida a atravessal-o e a gosar dos favores dos arvoredos que os orlam e dos frescores que promettem.

O quadro do sr. Isaias Newton, um dos nossos mais vigorosos paisagistas, posto na gravura com tanto primor pelo sr. João Pedroso, e a que este soube dar todos os realces com o seu habilissimo buril, não desmentirá o que disse. Pelo contrario, soberbamente o affirmará.

Que venham aqui depôr os que tem admirado as magnificencias do Douro!

BRITO ARANHA.

1875, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.



Lisboa, Impresso por Lallemant frères

Empresa Horas Romanticas — Editora.

PEDRAS SALGADAS

UMA VISTA DO RIO DOURO

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

BARCO DA ILHA DA MADEIRA



Ilha da Madeira e Porto Santo! Aqui estão dois nomes que trazem á lembrança descobrimentos importantes, feitos gloriosos, e nobilissimas acções da historia de Portugal. Quando se olha para os esforços que o preclaro infante D. Henrique fazia para incitar os navegadores portuguezes no alvorecer da primeira metade do seculo XV; quando se vêem os resultados maravilhosos d'esses ousados navegadores, ha forçosamente que registar-se os appellidos de João Gonçalves Zarco, depois Gonçalves Camara, Tristão Vaz Teixeira e Bartholomeu Perestrello.

Foram estes navegadores que, indo por esses mares em fóra, descobriram no Oceano a ilha, que era já um jardim, e que depois havia de ser um eden, — logar destinado, pela sua situação e pela sua salubridade, ao mais maravilhoso retiro de enfermos e sãos.

Aquelle ponto descoberto, aquella região prodigiosa, assombro dos navegantes, a que elles deram para logo denominações da mais alta e grata significação, no discorrer dos seculos XV e XVI, durante as épocas mais radiantes da nossa historia, assignaladas por espantosos commettimentos maritimos; — a ilha da Madeira, emfim, foi como a paragem, a estancia, o descanço, para as longas peregrinações da Africa e da Asia, onde ficou immortal o nome e o valor portuguezes.

Está situada a ilha da Madeira no Oceano Atlantico, a 690 kilometros de distancia da costa occidental da Africa, 12° 37′ de longitude e 32° 45′ de latitude; e forma, com tres pequenas ilhas que lhe ficam a leste, um grupo, que é conhecido pelos nomes de Grande Deserta, ou do Norte, Ilheo Chão, que tambem fica ao norte; e Bugio, ou do Sul.

Tão afamadas foram, em todas as epocas, ás condições climatericas d'aquelle paraiso, que se chama a Madeira; e tão apregoadas ainda se conservam, que não só vão do continente do reino muitas pessoas alli restabelecer-se de enfermidades graves e consideradas incuraveis, por atacarem os orgãos essenciaes á vida; mas tambem, pelo beneficio d'esse credito, para alli vão familias de outras partes da Europa e de muitas da America.

Na *Madeira Illustrated*, de Macaulay, encontro eu uma apreciação notavel da suavidade e dos favores do clima da ilha. O illustre escriptor diz que, alli, tamsómente com a subida ás serras pode experimentar-se grandissima variedade de temperatura, e em poucas horas passar do verão, pelo meio da primavera e do outono, para o inverno mais rigoroso nas summidades das montanhas toucadas de neve...

«Os que não quizerem alongar-se, — continua elle, — das abrigadas praias da bahia do Funchal, podem d'alli, onde se conserva immarcessivel a vegetação dos tropicos, contemplar nas alturas, a cavalleiro da cidade, a reapparição das folhas novas e todos os phenomenos da primavera; assim, no declinar do anno, quando junto á costa se vê inalteravel a verdura, e a influencia do sol no verão pouco tem diminuido, os pontos mais elevados da ilha apresentam a variegada tintura e a folhagem murcha do outono...

«O ar da ilha é tão refrigerante e balsamico, que o simples acto de respirar é um goso desconhecido em climas menos favorecidos.»

Na ilha da Madeira, onde a vegetação é como obra prima da natureza, dá-se a circumstancia de que ninguem pode suppôr pelo aspecto exterior, o que pode ser no interior. Altas e escarpadas montanhas a cercam de todos os lados e occultam valles deliciosissimos e formosissimos, como aquelle em que foi fundada a cidade do Funchal.

Tem a ilha diversos picos e pontaes, como os que se vêem na estampa, e que lhe dão o singular aspecto observado e notado por todos os navegadores e chronistas.

Tomam formas tão caprichosas e extraordinarias algumas d'essas rochas, verdadeiros gigantes, que assombram o visitante. Lembra-me que a uma d'ellas puzeram os naturaes o nome de *Homem em pé*, porque erguendo-se em um dos pincaros da serra de Sant'Anna, tem a similhança do homem envolvido em roupagem talar.

Para acudir de uns a outros pontos, e manter o seu commercio e a sua industria, tão prosperos em outros tempos, como os que nascem do solo fertil e de habitantes laboriosos, os madeirenses tem alli conservado uma navegação costeira, que satisfaz as necessidades do movimento de toda a ilha, a flor do Oceano.

Não direi que, pela forma, seja muito especial essa navegação; como se verá na estampa, comtudo, o barco representado n'ella e tem a inscripção — *N.º 15 Neptuno* — não se aproxima na apparencia de nenhuma das embarcações que sulcam o Tejo; mostra coberta; o numero dos seus tripulantes, que podem facilmente contar-se na gravura, será de quinze; e a importancia da lotação é n'aquellas embarcações insulanas subida para accommodar muitas e valiosas mercadorias.

São pois esses os barcos da carreira entre a Madeira e Porto Santo. A gravura é conforme uma aprazivel vista tirada de Machico pelo habil e conhecido photographo o sr. Camacho.

Brito Aranha.

1875, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.



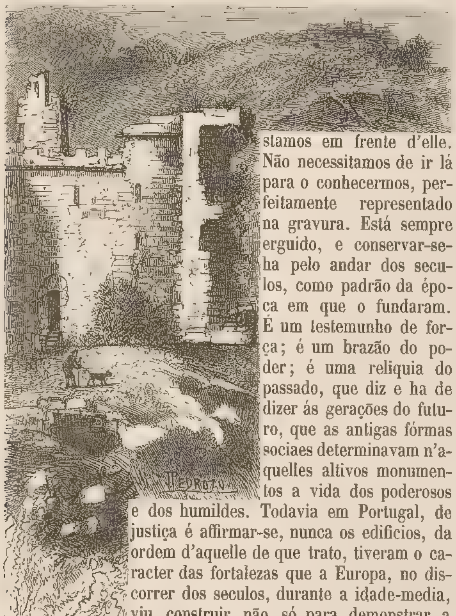
Lisboa, Impresso por Lallemant Freres

Empresa Horas Romanticas — Editora

BARCO DA ILHA DA MADEIRA

DES. DE J. PEDROZO

O CASTELLO DE ALVITO



Estamos em frente d'elle. Não necessitamos de ir lá para o conhecermos, perfeitamente representado na gravura. Está sempre erguido, e conservar-se-ha pelo andar dos seculos, como padrão da época em que o fundaram. É um testemunho de força; é um brazão do poder; é uma reliquia do passado, que diz e ha de dizer ás gerações do futuro, que as antigas fórmas sociaes determinavam n'aquelles altivos monumentos a vida dos poderosos e dos humildes. Todavia em Portugal, de justiça é affirmar-se, nunca os edificios, da ordem d'aquelle de que trato, tiveram o caracter das fortalezas que a Europa, no discorrer dos seculos, durante a idade-media, viu construir não só para demonstrar a opulencia das familias, que se queriam affastar da sociedade commum por meio de privilegios, logo depois transformados em oppressão; mas tambem para provar que o povo, a massa da população, contida em respeito ante as ameias e lanças ameaçadoras, e as pontes que tornavam incommunicaveis os senhores, havia de reprimir todas as aspirações, havia de conter todos os votos, porque a sua humilissima condição não podia passar da dos servos e escravos! Portugal, felizmente, tanto pela indole dos seus habitantes, como pelas circumstancias que acompanharam a fundação da monarchia, e seguiram o estabelecimento dos governos, no periodo indicado, mais inclinados aos principios do direito municipal, não viu aqui, em pleno vigor, as leis e evoluções que separavam as familias, como em França, extremando as que deviam ser oppressoras das que só eram opprimidas.

O castello de Alvito, pois, fundado pelo meado seculo XV, é, no meu entender, mais uma affirmação de serviços prestados á patria, galardoados pela concessão para edificar segundo a architectura d'aquelles tempos, do que uma prova de predominio feudal, com todas as isenções e todos os rigores que o cercavam na França, na Italia, na Allemanha, e na Gran-Bretanha; e em todo o caso sabe-se que á licença para levantar o monumento, em terras já possuidas desde o seculo XIV, juntou-se passados poucos annos, e no reinado de D. Affonso V, a mercê do titulo de barão, o primeiro que se creava em Portugal.

Na villa de Alvito, onde assenta o castello, toma este o logar preeminente sob a fórma quadrangular e as suas fachadas olham de um lado para o Rocio, de outro para a Praça, de outro para o largo do Castello e de outro para a cêrca, onde ha excellente jardim e formosos pomares. Por cima da porta da entrada do castello vêem-se dois escudos d'armas, sendo á esquerda o da casa de Alvito e á direita o da casa real, que ali symbolisa o agasalho com que os proprietarios d'aquelle nobre solar acolheram no começo do segundo quartel do seculo XVI, a rainha D. Catharina de Austria, quando ali deu á luz o principe D. Manuel, que devia succeder a D. João III se sobrevivesse a este monarcha, seu pae.

Suppôz-se que o castello tinha fosso e ponte levadiça, mas ninguem ali descobre vestigios d'essa construcção. De um lado, ao poente, apenas, corre a agua de uma fonte copiosissima que alimenta diversas terras e serve de motor a seis azenhas. Acima d'essa fonte ergue-se a torre chamada do *sino*, por ser a que fica superior á capella e lhe serve de campanario. A capella é mui vasta e encerra algumas preciosidades.

O interior do castello foi dividido em tres andares com muitos compartimentos, que os marquezes de Alvito têm tido o cuidado de mandar reparar e aformosear, para a sua inteira conservação. Ultimamente, o actual possuidor chamou artistas de merito para dar ás salas principaes o aspecto da belleza das modernas construcções, em que os trabalhos de estuque constituem verdadeiros primores. Além das quatro torres, que encerram as melhores divisões do edificio, ha a torre chamada de menagem, que tem só dois pavimentos com paredes de grossa espessura e janellas com grades de ferro.

A opulenta e monumental residencia de Alvito, foi, como disse, honrada pelo rei D. João III, conservando-se ali, em lisongeira recordação, o aposento que occupára com sua esposa. O moço e popular rei D. Pedro V, de saudosa memoria, tambem pernoitou em Alvito n'uma de suas digressões pelo Alemtejo e um anno antes de morrer.

Os marquezes de Alvito, além de outras mercês com que têem sido favorecidos pelos monarchas portuguezes, em recompensa de altos serviços á patria, e em desempenho de cargos de summa consideração publica, gosaram do privilegio de *senhor de terras*, e ainda conservam o titulo de condes de Oriola. Representa hoje esta nobre, respeitada e antiquissima familia, o sr. D. José Antonio Lobo da Silveira Quaresma, 5.º marquez de Alvito, 8.º conde de Oriola, 15.º barão de Alvito, 18.º senhor da villa, par do reino e camarista d'el-rei o senhor D. Luiz I, dignidade que egualmente exerceram seus bisavô e avô, junto d'el-rei D. José I e d'el-rei D. João VI.

A villa de Alvito é bem povoada. Pertence ao districto de Beja, tem correio diario, estação de caminho de ferro, e aproximadamente 2:000 habitantes.

BRITO ARANHA.

1876, Lallemant frères, Typ. Lisboa.



[illegible]

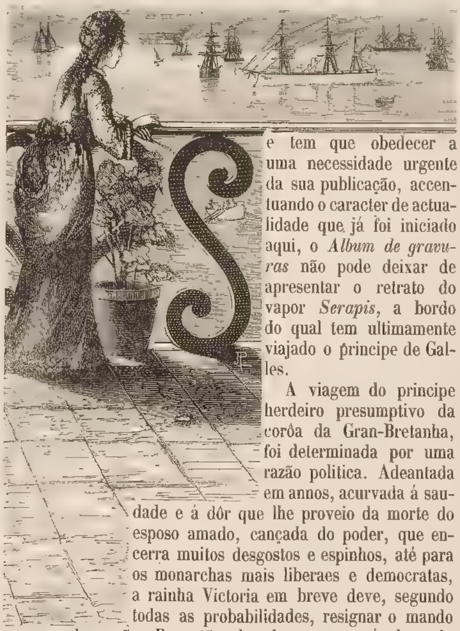
[illegible] Horas Romanticas — Editora

O CASTELLO DE ALVITO

DES. DE J. PEDROZO

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

O TRANSPORTE SERAPIS



Se tem que obedecer a uma necessidade urgente da sua publicação, accentuando o caracter de actualidade que já foi iniciado aqui, o *Album de gravuras* não pode deixar de apresentar o retrato do vapor *Serapis*, a bordo do qual tem ultimamente viajado o principe de Galles.

A viagem do principe herdeiro presumptivo da corôa da Gran-Bretanha, foi determinada por uma razão politica. Adeantada em annos, acurvada á saudade e á dór que lhe proveio da morte do esposo amado, cançada do poder, que encerra muitos desgostos e espinhos, até para os monarchas mais liberaes e democratas, a rainha Victoria em breve deve, segundo todas as probabilidades, resignar o mando supremo da nação. Para tão elevado cargo será chamado por sua jerarchia e em virtude das leis, o principe de Galles.

Antes, porém, de assumir o poder, e subir ao throno de seus maiores, tinha o principe que accrescentar o cabedal de seus conhecimentos e das sympathias populares, e assegurar o prestigio sem o qual não vivem os modernos imperantes, e por isso foi decidida a ultima viagem a que me referi.

As Indias orientaes, onde o governo da Gran-Bretanha domina vastissimo territorio e muitos milhões de homens, não podiam deixar de ser, em tal conjunctura, o objectivo principal. Apparecer n'aquellas regiões, cercado de todos os explendores de um governo poderoso e de uma nação forte e energica, e receber assim as homenagens de chefes opulentos, tanto mais apparatosas e explendidas, quanto maiores fossem os testemunhos da força, da riqueza e do genio dos inglezes, era attender duplamente a um intuito moral e politico.

A transformação do vapor transporte *Serapis*, destinado ás digressões e aos estudos do principe, attingia, pois, em quanto a mim, esse duplo fim.

Tudo quanto a sciencia naval tem inventado e aperfeiçoado, tudo quanto as artes tem sabido alliar para as ornamentações luxuosas e principescas, subordinadas ao mais apurado gosto, se acha reunido na embarcação, que constitue o assumpto principal da presente gravura.

Nas hodiernas construcções maritimas, presupponho que não ha nenhuma que possa exceder o vapor transporte *Serapis*, primeiro na solidez e nas accommodações, e depois na riqueza e no luxo.

Este transporte, cujo fabrico se effectuou por 1867, é de ferro. Tem a lotação de 4.173 toneladas e machina da força de 700 cavallos-vapor. Mede 360 pés de comprimento de pôpa á prôa, 49 de boca e 34 de pontal. Demanda 19 pés de agua á prôa e 20 á pôpa. Primeiramente empregado no transporte de tropas para a India, deram-lhe todavia commodo para 1.200 homens de tropa e 400 de marinhagem.

Nas pinturas d'esta embarcação, exterior e interiormente, predominam o branco e o oiro. No revestimento interior e na mobilia sobresaem as madeiras de carvalho e mogno. A prôa tem o letreiro, que é tambem uma poetica expressão maritima, de: «*Heaven's light our guide*», «a luz celestial é o nosso farol»; e a pôpa os nomes, que memoram as grandes conquistas da navegação, a *India*, a *China*, a *Persia*, e outros.

Encontro n'uma descripção do *Serapis* as seguintes linhas, que resumem muitas minuciosidades aqui superfluas: — «Não é possivel descrever a formosura e a opulencia das ornamentações e dos moveis dos aposentos preparados para o principe. Oiro, prata, cristaes, tapetes, marmores, porcelanas, flôres, estatuas e candelabros, por toda a parte. Oiro e luz superabundantes. E ainda por cima, estantes com ricos lavores, e os mais bellos exemplares da litteratura britannica.

«Entre os objectos curiosos, que aformoseiam a sala principal do vapor, está um mappa da India, emmoldurado em um dos tabiques, com as montanhas em relevo e a viagem do principe traçada a vermelho. Foi obra dirigida pelo naturalista dr. Birdwood, que veio ha pouco de Bombaim para a Gran-Bretanha. N'esta sala ha tambem um bello retrato da princeza de Galles.»

São tres as salas da primeira coberta do vapor. Quando o illustre viajante deseja offerecer bailes a bordo, os tabiques que as dividem desapparecem e transformam-se as tres em amplo salão. As commodidades ali estão em perfeita harmonia com o luxo dos ornatos.

A gravura junta, que attestaria um grande progresso na arte em Portugal, se o sr. João Pedroso não tivesse tantissimos trabalhos que revelam, sem duvida, o primor do seu buril, representa o transporte na occasião de entrar no Tejo, desenhando-se ao fundo, entre outras embarcações, a monumental torre de Belem.

A viagem do principe de Galles á India, e o seu regresso visitando diversos povos da Europa, foi, para assim dizel-o, e é verdade, uma serie de triumphos, que tanto o honram a elle como á Gran-Bretanha, a cujos destinos presidirá sem duvida com firmeza, serenidade e sabedoria, rendendo o mais cuidadoso e sincero culto á liberdade, que é apanagio tradicional do povo inglez.

BRITO ARANHA.

1876, Lallemant frères, Typ. Lisboa.



Lisboa, Impresso por Lallemant frères

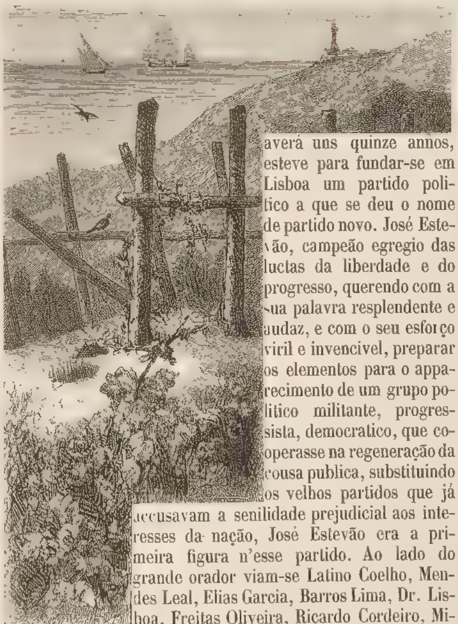
Empresa Horas Romanticas — Editora.

O TRANSPORTE SERAPIS, SUBINDO O TEJO

DES. E GRAV. DE J. PEDROZO

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

O PORTO DA ERICEIRA



Haverá uns quinze annos, esteve para fundar-se em Lisboa um partido politico a que se deu o nome de partido novo. José Estevão, campeão egregio das luctas da liberdade e do progresso, querendo com a sua palavra resplendente e audaz, e com o seu esforço viril e invencivel, preparar os elementos para o apparecimento de um grupo politico militante, progressista, democratico, que cooperasse na regeneração da cousa publica, substituindo os velhos partidos que já accusavam a senilidade prejudicial aos interesses da nação, José Estevão era a primeira figura n'esse partido. Ao lado do grande orador viam-se Latino Coelho, Mendes Leal, Elias Garcia, Barros Lima, Dr. Lisboa, Freitas Oliveira, Ricardo Cordeiro, Miguel de Bulhões, Ghira, Augusto Cunha, Manuel José Ribeiro, e outros, que deviam chamar a si os homens bons de todas as procedencias para reforçar a nova legião, e attrahir as forças mais vivas de Portugal. A idéa teria adeptos numerosos, se a pudessem levar por diante; mas, porque nem todos os esforços tem solução favoravel, os trabalhos ficaram interrompidos e a morte de José Estevão apartou os homens que desejavam seguir a mesma vereda com igual bandeira, e muitos d'elles sinceramente devotados ao engrandecimento da patria. Quem olhar, todavia, para a gravura chromo-typographica do professor João Pedrozo, e ler estas linhas, julgará que a pessoa que as escreve vae deixar aqui uma pagina da historia contemporanea. Não a põe n'este logar, porque não tem espaço para isso.

N'uma das reuniões preparatorias do grupo, que apenas esbocei, fôra approvado unanimemente que se consultasse Mendes Leal na redacção de um programma em que devia registar-se o credo do partido novo; porém, aquelle escriptor illustre e poeta insigne, que talvez um anno depois — fevereiro de 1862 — havia de ser chamado aos conselhos da coróa, confiando-se-lhe a pasta dos negocios da marinha e do ultramar, estava por então na Ericeira. Fui eu um dos que tiveram de ir lá. Na dita época saira da redacção do *Futuro,* que findára a sua existencia para se fundir immediatamente na *Discussão* com o titulo de *Politica Liberal,* onde me encontrei fraternalmente ligado a muitos d'aquelles mancebos, que já citei, alguns professores ao presente retirados da vida activa do jornalismo. Era a primeira vez que ia á Ericeira; e eis a razão porque parecendo querer discorrer sobre o movimento de um partido dos nossos dias, no qual sobresaiam elementos que podiam aproveitar-se em beneficio da communidade, posso fallar da villa. Mendes Leal costumava passar, todos os annos, a época dos banhos ali, e residia na casa do capitão do porto que se vê bem saliente no centro da gravura, por sobre a muralha e os recifes. Admiravel habitação para um poeta!

A Ericeira está a pouco mais de 5 kilometros NW. de Mafra, 15 SWE. de Torres Vedras e 35 S. de Peniche. Quando se entra na villa fica uma pessoa deslumbrada com o aspecto da numerosa casaria, branca e asseiada, denunciando uma população laboriosa e solicita nos commodos e na hygiene. Com effeito, sendo a maior parte das familias ericeirenses composta de homens do mar, activos e ousados, ora entregues aos labores e perigos das longas viagens, ora dedicados aos trabalhos e abysmos da pesca, o engrandecimento da Ericeira no lapso de mais de 150 annos accusa, segundo as ultimas estatisticas, o prodigioso augmento de 5 para 1, ou 500 por 100.

Não vem nas chronicas, ao que me lembro, a origem da villa. Sabe-se que no seculo XIV lhe concederam foral, depois reformado por el-rei D. Manuel em 1513; e que sendo o seu brazão um *ouriço em campo branco,* lhe deram em tempo a denominação de *Eyriceyra,* dos *eyriços* que n'ella abundavam. Foi solar dos condes de Ericeira, em cuja descendencia ha varões tão illustres e esclarecidos como D. Luiz de Menezes, o auctor do *Portugal Restaurado,* D. Fernando de Menezes, o auctor da *Historia de Tanger,* e D. Francisco Xavier de Menezes, o estimado poeta e prosador da primeira metade do seculo XVIII, os quaes varões alguns escriptores de boa nota tem confundido, mencionando como do primeiro historiador o que só é obra do engenho dos outros dois.

Teve a villa, em outro tempo, forte com cinco peças de artilheria e companhia de ordenanças. A egreja principal recebeu a invocação de S. Pedro. A casa da misericordia, que data de 1678, deve a fundação á piedade de Francisco Lopes Franco, benemerito ericeirense.

Nas costas de Portugal o peixe, offerecendo redes maravilhosas, é fonte perenne de trabalho e riqueza. Os homens e rapazes, que não vão para as viagens e se não fazem ao largo, para se separarem por muitos mezes das mães e das esposas, ali estão vergados no dorso das ondas a pedir, com apparelhos e redes, ao fundo do Oceano que lhes dê peixe e dinheiro para o pão quotidiano. Quantos suores e riscos representam esse lucro e essa alegria!

Na época propria é a Ericeira concorrida de familias de Lisboa que encontram agradavel distracção na convivencia em que vivem no club da villa. O Oceano, batendo e sacudindo os recifes, convida os banhistas, ás vezes espantosamente, como em Cascaes, para as grandes commoções balneatorias.

BRITO ARANHA.

1876, Lallemant frères, Typ. Lisboa.



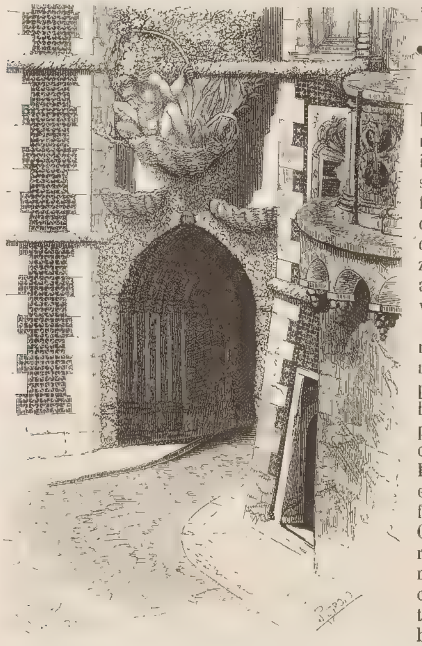
PORTO DA ERICEIRA

Chromo-Typographia

POR J. PEDROZO

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

CLAUSTRO DO SILENCIO, EM SANTA CRUZ (COIMBRA)



Tem Coimbra, a antiga e nobilissima Colimbriga, muitos brazões de que se ufane, muitos monumentos de que se orgulhe, numerosos fastos de que se honre e vanglorie. Côrte dos primeiros reis de Portugal, assento de famosas assembléas compostas dos mais conspicuos representantes da nobreza, do clero e povo, séde da universidade, quantos factos memoraveis, quantos successos da maior importancia, quantos varões illustres, tem visto Coimbra dentro de seus muros, abrigado com a sua antiga influencia politica, allumiado com os clarões da mais refulgente luz! Juntamente com os dados para a historia, povoada de acontecimentos de grande interesse e lição, desde seculos antes da fundação da monarchia, a patria da filha de Hermenerico, a donzella Cindazunda, que deu o brazão á cidade, tem especimens de architectura, que rivalisam com alguns dos mais brilhantes que servem de estudo á grande arte monumental.

Por exemplo, o mosteiro de Santa Cruz, a que tenho que referir-me n'este breve artigo. Fundado pelo arcediago D. Tello, correndo o segundo semestre do anno 1131, recebeu para logo a primeira doação de ordem de D. Affonso Henriques, e a insigne honra de ter, na ceremonia do lançamento dos alicerces da capella-mór, o proprio principe, já rodeado da fama que lhe davam os guerreiros com que havia de firmar a monarchia portugueza. Foi, com effeito, D. Affonso Henriques quem ali deu a primeira enxadada e encheu o primeiro cesto de terra para o começo da fabrica, que depois tomaria as proporções de vasto monumento. Obedecendo á regra de Santo Agostinho, os monges, aos quaes deram o titulo de conegos, e, em successivos annos e reinados, varias mercês e fizeram outras concessões, o primeiro prior eleito pela communidade e confirmado, apesar da opposição que por modestia elevada fizera aos votos e desejos unanimes dos demais cenobitas, seus companheiros, foi D. Theotonio, conselheiro e intimo do fundador da monarchia, e varão tão insigne por virtudes e prendas, segundo resam os chronistas que d'elle fallam com a maior veneração, que mereceu da côrte de Roma a mercê da canonisação.

O mosteiro teve de principio, como indiquei, acanhada fabrica, pois só poderia accommodar, quando muito, os doze companheiros de D. Tello e D. Theotonio; mas, pelas crescentes necessidades do culto e pela affeição que dedicavam aos monges o rei e o povo, houve urgencia de ampliar o templo, e assim passados alguns annos, á custa do real thesouro, se erguia ali um edificio espaçoso, com tres claustros, oitenta e quatro cellas, amplo refeitorio, magestosa egreja com tres naves e oito capellas, e as correspondentes officinas proporcionaes á vastidão e magnificencia que então adquiria o respeitado mosteiro.

Cada um dos claustros tem uma denominação particular: da *Portaria,* porque está contiguo á portaria do antigo convento; do *Silencio,* porque era, no tempo dos monges, o logar em que se lhes prohibia sairem do recolhimento e das orações; e da *Manga,* porque construido no reinado de D. João III, obedeceu a um risco feito pelo soberano na manga do seu roupão. A gravura representa um dos arcos ao oriente do claustro do Silencio, onde se vê a entrada da pequena capella de Nossa Senhora do Terço, tendo superiormente a capella chamada dos Meninos de Palhavã, onde out'ora se admiravam primores de talha, e que depois caindo em ruinas, como testemunhando o vandalismo com que tem tratado o venerando monumento, hoje serve de arrecadação da repartição das obras publicas do Mondego!

O claustro do Silencio, que tem ao sul a capella de S. Theotonio e ao occidente o corpo da egreja de Santa Cruz, é, pela amplidão e pela architectura, em que predomina o chamado estylo manuelino, o principal dos tres. A elegancia da arcaria bem se vê na formosa gravura do professor João Pedrozo. Os arcos apresentam a graciosa fórma ogival, affirmativamente caracteristica do aureo reinado de D. Manuel, são divididos por columnas, algumas das quaes ornamentadas, e, lançando dois ramos para os lados, fecham com olhal, tomando assim um aspecto que delicía os que ainda pensam e apreciam as grandezas passadas. No centro d'este claustro ha uma fonte com duas taças coroada de pequena estatua, e em dois angulos duas fontes de menores dimensões e importancia.

BRITO ARANHA.

1876. Lallemant frères. Typ. Lisboa



18.. Impresso por Lallemant Frères. Empresa Horas Romanticas — Editora

CLAUSTRO DO SILENCIO EM SANTA CRUZ, COIMBRA

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

A SÉ DE LISBOA EM 1755



isboa, a antiga *Olisipo*, é a cidade fadada pela natureza para ter logar preeminente no mundo. Perde-se a sua origem em antiguidade, que não tem sido facil até hoje averiguar. A seu proposito os pseudo-historiadores que dão culto á fabula, e os poetas que se deliciam nas mais extravagantes ficções, tem-lhe dado caprichosamente varios fundadores, como se fosse possivel casar a verdadeira historia com o absurdo. Mas, como quer que seja, Lisboa foi, é e será uma cidade de primeira ordem, magestosa pela situação, soberba pelo rio sobre o qual impera, emfim uma rainha do Oceano, como lhe chamam escriptores conspicuos.

Desde que o fundador da monarchia tomou Santarem e veio com os seus aguerridos soldados cercar e conquistar a cidade, que havia de ser a capital do reino, até 1755, as chronicas dão-nos muitos factos que podiam encher aqui amplas e interessantes paginas. Não pode ser este o nosso intento á vista da gravura.

Dos successos que tem inscripto nos copiosos fastos de Lisboa, contando do fim do segundo quartel do seculo XII até o começo do terceiro quartel do seculo XVIII, o mais notavel sem duvida, como facto historico, é o da independencia da nação em 1 de dezembro de 1640, que assombrou a Europa; e o mais calamitoso foi o de 1 de novembro de 1755, que espantou o mundo.

A cidade, como é sabido e consta desenvolvidamente em muitas partes, ficou em um montão de ruinas: depois do horrendo abalo da terra, o incendio; depois do espantoso incendio, o roubo. Os melhores edificios e monumentos que não ficaram caídos e desmoronados por effeito do tremor e das chammas, tiveram o segundo flagello da gatunagem para os acabar de destruir.

Em o numero dos edificios, que mais padeceram em 1755 vêmos a sé de Lisboa, que merecera tantos cuidados ao bispo D. Gilberto e tantas provas de consideração aos nossos reis, pondo em primeira linha o Mestre de Aviz, que a tornou independente da prelasia bracarense. Como ficou o monumental edificio da sé, bem o representa a gravura junta, que é copia fidelissima de uma estampa da época.

A cupula desabou por sobre a nave principal, alluindo as demais partes do grande edificio; o tecto da parte do sul, caiu inteiramente destruido com o campanario; o cartorio, que continha muitos valores, e as preciosas alfaias que resplandeciam nas solemnidades da basilica (que recebera a invocação de Santa Maria Maior 15 annos antes), tudo emfim, o mais rico e sumptuoso, tudo ficou em cinzas.

Devia ter sido, pelo dizer dos escriptores antigos e pelos vestigios que ficaram depois da reedificação, o templo muito mais vasto antes do terremoto. Parecia que na reedificação seguiriam quanto possivel o edificio antigo, porém o architecto encarregado da obra, em 1767, na opinião do conego Villela, mais se aprimorou nas exterioridades e apparencias, que em adaptar-se ao plano conhecido, dispendendo importantissimas quantias. Nas capellas, que ornam o cruzeiro e o claustro, e cercam a capella-mór, ha algum trabalho de cinzel que merece vêr-se, e pinturas, em que reproduziram quadros de estima; nas duas principaes do cruzeiro, estão de um lado a custodia, e do outro as reliquias de S. Vicente, martyr padroeiro de Lisboa e do Algarve, por ter sido descoberto o seu corpo no chamado promontorio sacro, ao qual depois denominaram cabo de S. Vicente. Segundo a tradição, o cabido da sé tinha a obrigação de sustentar dois corvos, como lembrança dos que guardaram e acompanharam o corpo d'aquelle martyr; e as armas do municipio ficaram ornadas com esse symbolo. Na pia baptismal, junto do guardavento, recebeu a agua do baptismo Santo Antonio, tão popular no reino inteiro. Na capella-mór veem-se os dois magnificos mausoleos de D. Affonso IV e D. Brites, sua mulher. Aquelle monarcha mandara, no seu tempo, reparar os estragos que um tremor de terra causara no edificio da sé.

Não se sabe a quem foi devida a fundação da sé. Divergem os pareceres, e nenhum acerta com a origem, porque uns dizem que já existia este templo antes da entrada dos mouros, e outros suppõem, que a sua fabrica data de D. Affonso Henriques, que a estabeleceu para o bispo inglez D. Gilberto. No meu entender, a disposição architectonica indica que o primitivo edificio da sé não vae além do seculo XI, seguindo n'elle os constructores a transformação que raiava para a arte monumental desde o findar do seculo X. E pena é que os reedificadores e restauradores não tenham respeitado a historia e a archeologia.

Brito Aranha.

1876, Lallemant frères, Typ. Lisboa



1876, Impresso por Lallemant Frères.

Empresa Horas Romanticas — Editora

A SÉ DE LISBOA EM 1755

A GRAVURA DE MADEIRA
EM PORTUGAL

INUNDAÇÃO EM MIRAGAYA



HA dias apparecia, em quasi todos os periodicos do Porto, este annuncio: «O abbade de Miragaya pede pelo amor de Deus uma esmola ás pessoas bemfazejas, nomeadamente aos seus parochianos ricos, para os seus parochianos pobres, que ha tanto tempo não teem podido trabalhar, e tanto soffreram com a ultima cheia.»

O que significava isto? Significava que uma povoação, que muitas familias, sem pão, sem abrigo, sem trabalho, estavam afflictas e pediam soccorro, e que não havia já meio de acudir-lhes senão recorrendo á philantropia de outras povoações mais felizes, senão estendendo ambas as mãos á caridade publica, aguardando a esmola de todos os lados, esperando o obolo como a salvação unica em infinda miseria.

Acredito que deve ser indizivel tortura para o chefe de familias laborioso vêr-se ferido pela tempestade, rodeado pela cheia, e pelos filhos, com os braços presos, as forças exhaustas em tremenda luta para salvar os parcos haveres, o animo desfallecido e a razão perturbada; olhar para o albergue quasi derruido e não ter meio nem de amparal-o, nem de restaural-o; fitar o campo inundado e esteril, e considerar que por muito tempo estarão inertes os instrumentos da lavoura e serão inuteis quaesquer esforços para que esse campo produza!

Tem apresentado, tem reproduzido estes factos, o rigoroso inverno de 1876. Todas as desgraças, todas as paralysações, todas as calamidades, que vem dos intensos e prolongados temporaes, ficaram registados este anno em negras paginas. Não foi só em Miragaya que esse rigor se sentiu; não foi isoladamente n'uma povoação, mas em dezenas de povoações, e pode dizer-se que não ficou isento de seus maleficios nenhum dos concelhos do reino!

Miragaya, que é hoje uma das freguezias notaveis e populosas da cidade do Porto, e dentro de seus muros, foi todavia das primeiras. O Douro, repetidamente enfurecido, este anno trasbordou assombrosamente e mostrou o seu poder intimando os pobres habitantes dos logarejos e aldeias marginaes para que não saissem nem trabalhassem, cercando-lhes as casas e tirando-lhes os meios de ganhar o pão quotidiano.

A caridade, que em toda a parte se desenvolve como um prodigio, que a todos encanta, tem o seu fundamento n'esses quadros dolorosos e commoventes.

Temos á vista uma das innumeras scenas que deviam ter-se dado, e effectivamente occorreram, em Miragaya. É copia do natural. Devemos a sua excellente reproducção ao admiravel lapis do sr. Soares dos Reis, que é artista de elevado talento e sentimento.

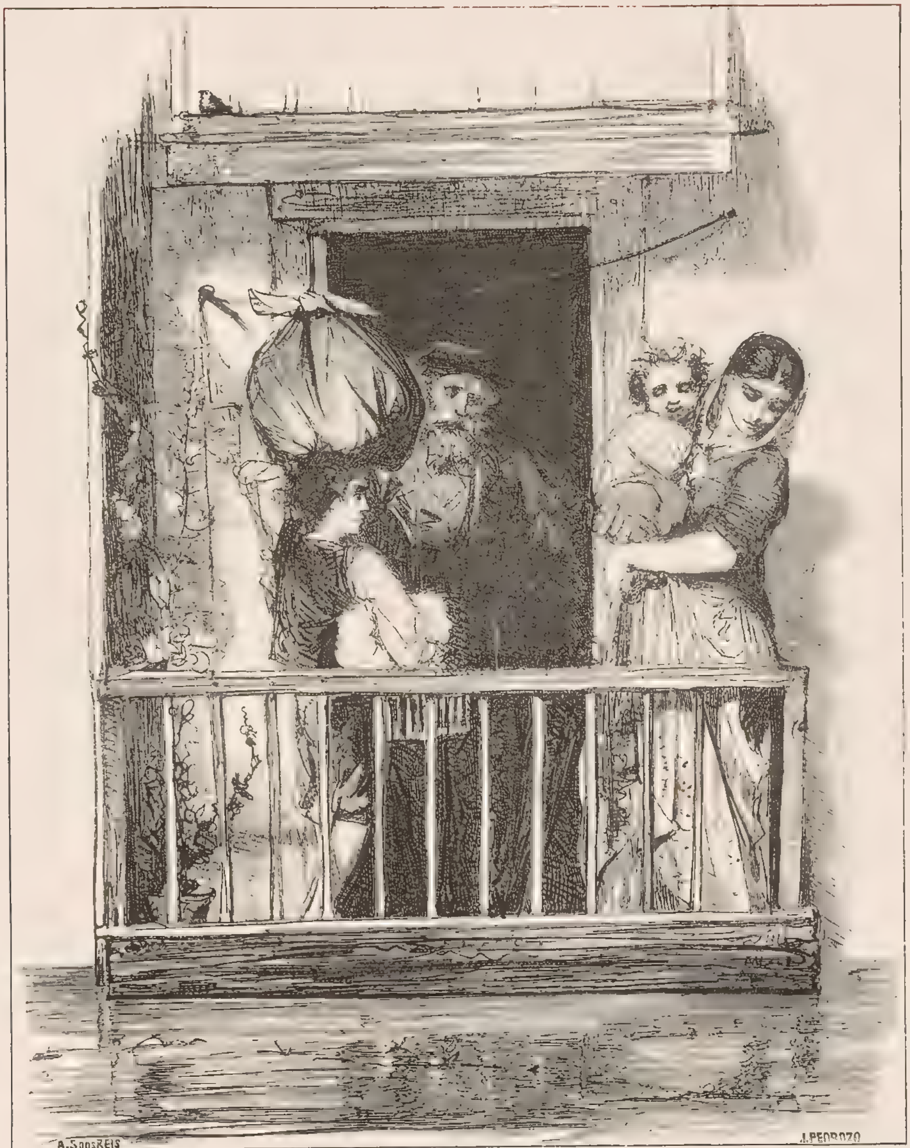
Não inventou esta scena; viu-a o afamado artista. O Douro, saindo do seu leito, como disse, alagou os terrenos marginaes e crescendo sempre, foi, como é sabido pelas afflictivas narrações que nos deram as gazetas, não só interceptar os caminhos, mas fechar as casas e pôr no maior risco os moradores. A agua, em Miragaya, chegou á altura dos primeiros andares.

Lá está reproduzido um d'esses andares na estampa. A familia corre á janella a vêr quando a agua tambem não lhe deixa o pavimento, em que habita, livre, e se tem que passar de um para outro andar, até que o telhado seja o ultimo ponto de refugio contra a cheia invasora e cruel. Vejam aquella situação dolorosa! Á direita a mãe com o filhinho mais novo ao collo, observa attonita a altura da agua; ao centro, o filho mais velho, preparando uma trouxa de roupa, chega-se á sacada e espera sem duvida que algum barco salvador venha tiral-os, á mãe e aos filhos, d'aquella situação; no fundo, o ancião venerando, o chefe da familia, o homem do trabalho, perplexo sobre o que deva fazer, mas attento aos effeitos da calamidade; sereno ante o perigo, mas cuidadoso com os que o cercam, e anciando porque bata a hora em que a agua recolha ao seu leito, em que as nuvens desappareçam do horisonte, em que cesse o vento desencadeado, em que enxuguem os pantanos, em que raie brilhante o sol, e volvam a correr os dias tranquillos, de cançassos e compensações sem fim!

O quadro ahi está, repito. É tambem mais uma demonstração da habilidade do desenhador e da pericia do gravador.

BRITO ARANHA.

1877, Lallemant frères, Typ. Lisboa



1876, Impresso por Lallemant Frères
Empresa Horas Romanticas — Editora.

PRESTES A DEIXAR A CASA

DES. DO NAT. POR A. S. DOS REIS

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

NOS ARREDORES DE CONDEIXA



averá muitos annos, talvez bons vinte e cinco, antes de termos esses grandes melhoramentos materiaes, que se chamam novas estradas e caminhos de ferro, a viagem de Lisboa até Coimbra fazia-se com uma commodidade extraordinaria! Imagine-se um pobre homem bifurcado n'um cavallo lazarento, arreado com um albardão que parecia para o serviço de alguns gigantes, com andadura de causar infindas agonias, e por uns caminhos de altos e baixos, e enormes pedregulhos, que podiam servir muito bem para o gado cabrum, porém nunca para se condecorarem com os nomes de estradas reaes, e servirem para transito em uma nação civilisada.

Adiante d'esses rocins iam uns homens, conhecidos pela denominação de *arreeiros*, na maior parte mal encarados, de poucas fallas e trato aspero, e rarissimas vezes de bom animo e affaveis, no meio da sua extrema rudeza: iam a pé, correndo, sempre na dianteira do animal, incitando-o com pragas e blasphemias, que faziam tremer a terra, e não davam melhor passo ao bucephalo; procurando atalhos, subindo e descendo, engolindo cinco, seis ou sete leguas por dia, sem darem signal de estarem doridos ou extenuados de cansaço!

Era muito divertido. Subir o despenhadeiro de Rio Maior, com a morte em frente, atravessar diversos pinhaes para encurtar a viagem, passar depois os extensos olivedos de Alcobaça, quebrantado, cheio de pó e aborrecimento, á espera de que o arreeiro se transformasse em salteador, eram factos que deviam de deixar eterna lembrança.

Recordo-me de que, por 1854 ou 1855, a primeira vez que tomei conhecimento com o arreeiro e os seus animalejos, para uma moideira de quinze dias, a primeira coisa que me perguntaram, pouco depois de sair do Carregado, e antes de nos aproximarmos dos celebrados pinhaes da Azambuja, foi se eu ia requisitar um ou dois soldados de cavallaria para me acompanharem até certa distancia, e a minha resposta negativa fez para logo suspeitar que estava ali algum *D. Quixote*... em embryão. — Estejam descançados! dizia ás pessoas que se mostravam solicitas para comigo; viajo como os estudantes, com a só andaina de fato em cima do corpo, e sem dinheiro que tente o demonio.

Eram por vezes interrompidos o perigo e a monotonia de taes viagens, quando chegavam as epocas das aberturas das aulas ou das ferias, porque então o arreeiro não lidava com uma pessoa, entregue a elle e ao acaso, mas tinha que desembaraçar-se com os ranchos de estudantes, risonhos, galhofeiros, *trocistas*, como se diz no vulgo, e prodigos.

Tudo, no mundo, tem compensações. Se desde o Carregado, com pequenos intervallos, a jornada era mais que aborrecida, ao chegar a Condeixa os rapazes e as mulheres do povo, estendendo as mãos aos cobres do viajante, atiravam-lhe sem ceremonia com um titulo, que era de uma pessoa ficar inchada, como a rã da fabula. E ninguem passa ainda hoje por Condeixa, de gravata ao pescoço, que não seja *doutor!* Quantos receberão esta qualificação, antes e depois de entrarem na lusa Athenas, sem conhecerem sequer a verdadeira importancia do alphabeto!

Descancemos em Condeixa. Esta antiga villa, com as suas duas mil almas e as suas preciosas recordações, tem com que satisfazer a mais sofrega curiosidade de historiadores, antiquarios e geologos. Não só o interior da povoação é notavel por algumas edificações, taes como os palacios dos condes de Podentes e da familia Lemos, e outras casas de boa apparencia, em ruas mui alegres e asseiadas, mas os arredores attrahem para logo a attenção por suas notaveis ruinas, pelo grande numero de formosas e uberrimas propriedades, e pelo aspecto verdadeiramente extraordinario das rochas, onde a natureza revelou caprichos que encantam o homem de sciencia e o artista. E se não fôra assim não se demoraria o sr. Carlos Relvas ante essas curiosidades naturaes; não daria elle trabalho á sua machina, da qual tem saido maravilhas photographicas; não reproduziria o primoroso gravador Pedroso algum d'esses phenomenos geologicos; e não estaria eu, emfim, a tentar pôr aqui uma humilde nota á gravura junta. N'ella realçam umas linhas phantasticas, e se não fôra a certeza de que aquella admiravel variedade de formas, as mascaras recortadas, os bustos esboçados, e em parte quasi perfeitos, como no centro da estampa, saliente na grande rocha, são producto da natureza, magno artista; dir-se-hia que ali tinham deixado os vestigios das suas experiencias numerosos esculptores.

Brito Aranha.

1877, Lallemant freres, Typ. Lisboa



1876, Impresso por Lallemant Freres. Empresa Horas Romanticas — Editora

NOS ARREDORES DE CONDEIXA

OPIA D'UMA PHOTOGRAPHIA DE C. RELVAS

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

O MONUMENTO DO DUQUE DA TERCEIRA



O dia 24 de Julho, em que Lisboa veste galas, não significa sómente a commemoração de uma data historica para a cidade, inscripta nos fastos municipaes, apregoada pelo povo, e divulgada pelos seus chronistas; mas tem muito mais sublime assumpto e alvo muito mais eminente, porque, no facto e nas consequencias, respeita egualmente ao reino inteiro. Se no dia 1.º de Dezembro de 1640, os portuguezes avigorámos a nossa autonomia debilitada, e firmámos a nossa independencia usurpada; em 24 de Julho de 1833 lançámos, por um esforço que se representa á geração de hoje quasi fabuloso, os fundamentos de outra independencia, e accendemos com vividouro e refulgente clarão os fachos da Liberdade; e para esse grandioso exito contribuia um heroe — o duque da Terceira. Eis o nobre intuito d'esta festa. Tem importancia e significação pelos successos de hontem, de hoje, e de ámanhã.

Para completar as solemnidades do dia, — e para ficar immorredoura a gratidão da cidade de Lisboa e do reino a quem tanto fizera, e com tão extraordinaria ousadia, para os livrar emfim dos horrores de um despotismo, cujos annaes eram a cada pagina lugubremente manchados, — havia que erguer um monumento ao homem, cuja figura gigantea sobresaia em 24 de Julho. Estava em aberto essa divida.

Occorreu, portanto, a idéa do monumento, que em 1877 vão solemnemente inaugurar, e de erigil-o n'um local apropriado áquella idéa. A praça dos Romulares fôra, na ominosa epoca anterior a 24 de Julho de 1833, um logar de supplicio. N'aquella praça, e margem do Tejo, em frente da outra margem d'onde havia de surgir, com a bandeira azul e branca victoriosa, o duque da Terceira, o atrevido soldado, á frente de um punhado de bravos; n'aquella praça, repito, onde tinham caido do patibulo os corpos de muitos martyres da Liberdade, estava bem a estatua do general, firme, em pé, magestoso como se n'aquelle rosto de bronze houvesse alguma vida, como se aquelles labios graciosos, que só o cinzel de um habil artista poderia animar e descerrar, soltassem um grito de afflicção: — Não haverá mais patibulos em Portugal! — como se ainda quizessem prenunciar: — Ficará para sempre a pena de morte riscada dos nossos codigos! — e como se os ouvissemos n'um remate brilhante, no fecho de uma colossal epopéa: — Viva a Liberdade!

Abriu-se o concurso para a construcção do monumento, e foi adjudicado ao sr. José Antonio Gaspar, architecto, e José Simões de Almeida Junior, esculptor, os quaes executaram fielmente o programma, como era de esperar do elevado merito de tão bem conceituados artistas.

No dia 24 de julho de 1875 mais de 5:000 pessoas reunidas na praça dos Romulares, depois da parada da guarnição de Lisboa e da continencia em frente da estatua do immortal Imperador e Rei D. Pedro IV, assistiam com a maior solemnidade, e a concorrencia de Suas Magestades e dos altos funccionarios do Estado, ao lançamento da pedra fundamental do monumento do duque da Terceira. D'ahi por diante as obras continuaram regularmente, para que a inauguração pudesse effectuar-se dois annos depois.

O monumento é composto de tres partes: envasamento, pedestal e estatua, tendo em volta um simples degrau, que lhe dá maior elevação. A estatua representa o marechal duque da Terceira, fardado, na attitude nobre e serena que lhe era habitual, com o chapéo armado no braço esquerdo e o bastão na mão direita. Ornam-lhe o peito varias das condecorações com que o honraram governos nacionaes e estranhos, na sua longa e gloriosa carreira, porém realça entre todas a gran-cruz da nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito. Na frente, e sobre o dado do pedestal, está saliente o escudo e a corôa do duque, cercados de ramos de loiro, e cintados pelo festão de carvalho que circunda o pedestal. Nas quatro faces do dado foram postas, em letras de bronze, estas inscripções: — Ao Duque da Terceira 1877 — 24 de Julho 1833 — Guerra peninsular 1808 a 1814 — Campanhas da liberdade 1826 a 1834 — que synthetisam a idéa do monumento, e são os titulos mais radiantes do inclito general. Na frente, e sobre o envasamento, estão entrelaçadas uma palma e uma corôa de loiro, emblemas da Victoria. Tem o monumento a altura total de 9 metros; e a estatua, de bronze, medindo 3,30 metros, foi fundida pelo sr. Luiz Alves, nas officinas do sr. João Burnay. Não agradará a alguns o monumento, principalmente por se lhes afigurar abatido nas dimensões, embora o tamanho da praça não désse logar a maior desenvolvimento. N'estas questões de arte e gosto não entrarei agora. No conjuncto da execução não se podia exigir mais de um artista. No desenho da estatua, vista minuciosamente, ao pé, e depois na prova photographica e na gravura, ha linhas primorosas, de incontestavel formosura. Está ali a mão amestrada de Simões de Almeida. Se Lisboa ainda não pagou o que deve a outros heroes, — ao infante D. Henrique, a Vasco da Gama, a João Pinto Ribeiro, symbolos das maiores grandezas e glorias de Portugal, — ao lado de D. Pedro IV erigiu agora outro padrão, que era desde muito imprescriptivel dever para o partido liberal.

Brito Aranha.

1877, Lallemant Frères, Typ. Lisboa



1877, Impresso por Lallemant Frères.

Empresa Horas Romanticas — Editora.

ESTATUA DO DUQUE DA TERCEIRA

DEZ. DE J. SIMÕES D'ALMEIDA

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

A AVÓ



Pae para cinco annos, e tendo completado os quinze de edade, que na real academia das Bellas-Artes de Lisboa, já bafejado por um nome illustre, o qual era uma esperança e devia ser um futuro, entrava um moço de rara modestia e singular habilidade, pedindo que lhe dessem licença, ou, antes, que o deixassem completar e aperfeiçoar o curso de desenho. Era por 1872. A apparencia do moço, imberbe, despretencioso, sereno e até acanhado, mas de fronte ampla, olhar vivo e insinuante, voz suave e humilde, denotava mais alguma cousa que um singelo estudantinho que pretendesse assentar a mão nas linhas rectas e curvas. Ao inscreverem a sua entrada nos registos da academia, sabia-se que se chamava Columbano Bordallo Pinheiro.

Os seus primeiros estudos n'aquelle estabelecimento foram verdadeiro triumpho. Estava ali effectivamente o artista que se antevêra. Elle honrava, sem contestação, o nome por muitas vezes glorioso, de seu pae, um dos companheiros de Alexandre Herculano no benemerito emprehendimento do *Panorama;* e collocava-se brilhantemente ao lado de seus irmãos, cujas carreiras via seguir com esplendor, nobilitando ainda mais a familia.

Passando, á primeira prova, ao segundo anno do curso de desenho, e tendo como professor solicito e primoroso, o sr. Simões de Almeida, hoje um dos nossos mais distinctos esculptores, e por então de regresso de Paris, o nosso estudantinho seguia em tres annos o curso e alcançava premios em todos elles.

Mas não satisfeito com tão lisongeiro resultado e incitado pelo são conselho e longa experiencia, pelo amor ao trabalho e á arte, de seu pae, Columbano ia matricular-se como amador na aula de pintura historica, ou heroica, sob a direcção do illustre professor sr. Miguel Angelo Lupi, e emquanto os condiscipulos consumiam tres annos n'este curso, elle em oito mezes, ficava habilitado para o concurso final, e ganhava a medalha de prata.

N'este lapso de tempo, a sua actividade produzia quatro ou cinco quadros de *genero,* de pequenas dimensões, que apresentava na exposição da sociedade promotora das Bellas-Artes, realisada em 1874, e notaram para logo os entendidos que, entre elles, dois, o *José das Dornas* e o *Chimico,* assim como chamavam a attenção do publico, acaso mereceriam tambem a benevolencia do jury, e o nosso artista recebeu, alvoroçado, novo incitamento em um diploma de menção honrosa.

É notorio que, nos ultimos trimestres dos annos de 1875 e 1876, um distincto amador e favorecedor esclarecido das bellas-artes em Portugal, o sr. Delphim Guedes, attrahiu ao seu esplendido e opulento *atelier,* verdadeiro templo da arte, em sessões de perduravel recordação, os desenhadores e os pintores, mestres, discipulos, amadores, para estudos de aguarella; e entre os mais afamados, e já peritos aguarellistas, Columbano executando ali o seu quadro *A leitora,* que lhe valia outro diploma n'outra exposição da sociedade promotora, no seu proprio gabinete acabava trabalho de mais folego e responsabilidade, *A pitada,* que egualmente expunha com louvor.

Estas linhas não tem a pretensão de uma biographia. Servem apenas para apresentar ao leitor um moço de talento e um artista, que veio aqui, por primeira vez, honrar as paginas d'este *Album,* compondo expressamente para elle esse quadro de genero — *A avó,* que, além da correcção do desenho, da boa disposição das figuras, e da graça do conjuncto, tem outra qualidade que o recommenda, e é a reproducção de uma scena intima de familia, simples, trivial, mas sempre povoada de affectos e encantos. Os que tem sido embalados, aquecidos e aconchegados, no regaço e ao collo de suas avós, duas vezes mães, não me desmentirão, nem deixarão de comprehender o valor do quadro.

Columbano Bordallo, vivendo ao lado de seu pae, recebendo d'este benemerito artista lições desde a infancia, tomando os seus pinceis e a sua palheta, diluindo as suas tintas, vendo constantemente os seus quadros, estudando os seus processos, e, de certo modo, habituando-se á sua *maneira,* ao seu *estylo,* como que o reproduz, e isso lhe tem apontado como inconveniente e defeituoso. Se elle, como seu pae, se inclinou ás escolas flamenga e hollandeza, cuja predilecção tem provado; se Van-Eyck, ou Rubens, ou Rembrandt, ou Laër, são seus idolos e seus modelos, é preciso notar que Columbano Bordallo tem vinte annos de edade, ainda não pôde de certo em cinco annos de exercicio mais activo accentuar a sua *maneira,* ainda não saiu de Portugal, ainda não visitou a Italia, não viu Paris, não esteve na Belgica, ainda não lhe foram emfim familiares outros centros e outros meios artisticos, mais activos, mais enthusiasticos, mais productivos, e, deixem-me dizel-o, mais apaixonados, onde o homem ganha outros alentos e o artista inspiração e individualidade. Quando estiver n'esses meios, o talento de Columbano rebrilhará, e elle saberá accrescentar novas e virentes corôas aos appellidos da sua familia.

Brito Aranha.

1877, Lallemant Frères, Typ. Lisboa



1877. Impresso por Lallemant Frères. Empresa Horas Romanticas — Editora.

O NETO

COMP. E DESENHO DE COLUMBANO BORDALLO

A GRAVURA DE MADEIRA
EM PORTUGAL

ALEXANDRE HERCULANO



Herculano! Tendo que inscrever este nome glorioso nas paginas do *Album*, e deixar aqui essa effigie veneranda, sinto profundamente fazel-o em frente de um sepulchro. Ha dôres que não diminuem de intensidade, ha feridas que sangram sempre, por mais energicos que sejam os balsamos com que pretendam saral-as. A perda de Alexandre Herculano, perda nacional, e europea, é das que deixam saudade eterna, dôr permanente. Os grandes homens, porque ha que esperar continuamente do seu talento, das suas luzes, da sua actividade, do seu conselho, da celsitude do seu espirito, da elevação do seu caracter, não deviam de ser vencidos, como os simples mortaes, por essa lei immutavel e tyrannica, que lança o luto nas familias e nos povos!

Era um vulto giganteo! Vi-o em Val-de-Lobos, esse ermo encantador (fielmente representado no alto d'estas linhas), onde elle se conservava afastado de todos os bulicios do mundo, atediado por todas as intrigas dos partidos e dos corrilhos, amargurado pelas desgraças da patria como proprias, entregue ora aos trabalhos do campo, que eram o seu enlevo, ora aos trabalhos do gabinete, onde ainda elle seguia os estudos e as investigações da sua especial predilecção, pondo o seu primoroso cinzel em obra que por sem duvida havia de illuminar o mundo. Vi-o em Val-de-Lobos, nos derradeiros dias da sua preciosa existencia, e se não pude estar ao seu lado quando se lhe soltou o ultimo suspiro, consolou-me saber e observar que o rodeavam intimos affectos e inexhauriveis solicitudes; que junto do seu leito havia mãos amigas e lagrimas sinceras; e que se tinham acercado d'elle a amisade, a virtude, a dedicação, dignas de exemplo.

Alexandre Herculano tem sido, e ha de continuar a ser considerado como historiador e como philosopho; mas, sejam quaes forem os processos que se empreguem para a analyse do seu caracter litterario e das suas obras, ninguem poderá amesquinhar, porque não é possivel, as grandiosas proporções d'esse illustre homem, d'esse egregio varão, d'esse portuguez douto, eminente e insubstituivel.

Sim! ficou uma lacuna na patria, um vacuo, que se não occupa, nem preenche; porque Herculano, pela ordem dos seus estudos, em que consumira a vida inteira; pela formação do seu cerebro, em que havia, não clarões indecisos, tenues ou ephemeros, porém luz viva e refulgente, tinha o primeiro logar na republica litteraria. A sua morte foi como o apagamento de um astro. Deixou em trevas densas as lettras portuguezas.

Mas, se o seu cerebro, extincto, caiu no gelo do tumulo, a sua memoria não se obliterará jámais, porque, tanto para as gerações de hoje, como para as gerações vindouras, ficaram as suas obras immortaes, nas *Lendas e narrativas*, no *Eurico*, no *Monge de Cister*, nas *Poesias*, na *Historia de Portugal*, na *Historia da inquisição;* e por ultimo nos *Opusculos*, em que elle reuniu alguns notaveis escriptos e vigorosas polemicas, e que poderão certamente acrescentar-se e opulentar-se com os seus ineditos.

O *Album de Gravuras*, publicando o retrato de Alexandre Herculano, em primeiro logar depois que occorreu o triste evento da sua morte, paga assim um tributo imprescriptivel de saudade e dôr.

Brito Aranha.

1877, Lallemant Frères, Typ. Lisboa



1877. Impresso por Lallemant Frères   Empresa Horas Romanticas — Editora.

A Herculano

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

O ARTISTA NA INFANCIA



oi o sr. Antonio Soares dos Reis o auctor da estatueta que fórma o assumpto da nossa estampa de hoje, e é a elle que tambem devemos o desenho para a gravura. Se o esculptor não fosse conhecido, se agora por primeira vez se apresentasse publicamente com o fructo do seu talento, *O Artista na infancia* dar-nos-hia para logo as proporções do seu elevado merito. E que assumpto tão sublime o da estatueta e da gravura, que a reproduz!

A esculptura, filha da architectura, foi em todos os tempos considerada como arte maravilhosa; se uma, pelo assim dizer, pertence á terra, a outra eleva-se ao ideal, e pelas suas transformações prodigiosas torna o artista um ente superior. A arte não exige só os lineamentos, as proporções, as fórmas; seria isso simplesmente rudimentar e por modo algum constituiria o bello. A arte quer mais: pede que ás linhas se allie a graça, á graça a expressão, á expressão o bello, ao bello a idéa, que é um fim. Se a estatua se apresentasse apenas pela fórma, e não traduzisse o pensamento do auctor, animando-o e aformoseando-o, teriamos n'ella um objecto sem significação, que não prenderia ninguem, e só serviria para encher um vacuo, como ornamento ou lembrança, em qualquer museu de somenos importancia; porém, se a estatua traduzir á simples vista a idéa do artista, se revelar o nobre pensamento que encaminhou o seu cinzel, reunirá assim as condições da arte na sua mais fiel expressão, e não será nunca um simples objecto, uma cousa, pois prenderá a attenção como um modelo, um symbolo, e será para todos elemento essencial na educação de um povo. Se isto não succedesse, os antigos não contariam e celebrariam Phidias e Praxiteles; a Italia e o mundo não tomariam como mestre a Miguel Angelo, e nós não poderiamos indicar á admiração dos vindouros João de Ruão, Nicolau Francez, ou Joaquim Machado de Castro.

O Artista na infancia, que é por si só uma obra de arte notavel, colloca o sr. Antonio Soares dos Reis ao par dos esculptores portuguezes que têem o seu nome na historia da arte.

Essa estatueta cinzelada em marmore de Carrara, além do louvor que lhe possam dar os entendidos e de gosto, alcançou já dois premios, um quando, vae para dois annos, appareceu em Lisboa na exposição da Sociedade Promotora das Bellas Artes; outro, este anno, no grandioso concurso da Exposição Universal de Paris. E não foi favor, foi justiça. Esses premios não podem dizer-nos que sejam os votos combinados e parciaes de admiradores e amigos, mas o sincero testemunho e o honroso galardão que lhe conferiram os versados e estranhos, e que davam á arte aquillo a que ella tinha direito. Ao vêr a estatueta do sr. Soares dos Reis sabe-se qual foi a sua idéa predominante, e é sem duvida uma das suas maiores bellezas. Está ali uma creança sentada á beira de uma pedra, o riso d'ella revela o trabalho do cerebro; com a cabeça pendida para fitar melhor o olhar, naturalmente segue o braço que traça as primeiras linhas no outro extremo da pedra; aquelle riso a irradiar-lhe na fronte parece tambem espelhar a alma do artista; é o genio a desabrochar; é o talento a produzir as primeiras flôres de que hão de sair depois sazonados fructos. Acha-se isto representado com graça, singeleza, mimo, que é até um enlevo contemplar a estatueta. É o que a arte exige do esculptor. Esta obra pertence hoje á sr.ª duqueza de Palmella. Enriqueceu com ella ainda mais a sua já mui opulenta galeria.

Brito Aranha.

1878. Lallemant Frères, Typ. Lisboa



Empresa Horas Romanticas — Editora

O ARTISTA NA INFANCIA

sculptura e des. de A. S. dos Reis.

A GRAVURA DE MADEIRA
EM PORTUGAL



Faz hoje alguns annos que, por occasião de innundações nos campos do Riba-Tejo, fui vêr os estragos causados, e tomar nota ali de actos de extraordinaria coragem e dedicação.

Percorrendo esses campos, andando por essas planicies, que se denominam *lezirias*, em Salvaterra, em Muge, em Santa Martha, em Coruche e outros pontos ribatejanos, temos que vêr e admirar o viver de duas familias: uma, a dos bois e eguas, que constituem a riqueza e abastança do criador e lavrador; a outra, a dos campipinos, que fórma para aquelle como que a segurança e o esteio d'essa riqueza.

Campino é, na phrase popular e tradicional, nos terrenos destinados á criação dos gados, o homem a quem o lavrador encarrega de cuidar e tratar das suas manadas, e de cuja lealdade não costuma duvidar.

Passando-lhe os dias da vida ao ar livre, no meio dos campos, junto dos bois ou das eguas, tendo por companheiro unico o cavallo a que se encosta e em que monta, e idealisando-o muitas vezes como que confidente das suas queixas e das suas canceiras, esse homem, afastado dos centros populosos, sem as fragancias das flôres que lhe embalsamaram a meninice, separado do conchego do lar paterno, tem uma existencia entre selvatica e poetica — selvatica, porque as suas relações de todos os instantes não vão além do gado que o cerca; poetica, porque tendo o céo por testemunha e juiz das suas acções, se pensa na mulher da aldeia, a quem dá o seu amor, pensa muito mais no amo, que lhe confia os seus haveres e a quem elle consagra respeito e affecto, como purissimo culto de uma religião. A linguagem do campino tem até o cunho patriarchal que lhe imprime severidade e nobreza. Elle emprega repetidamente imagens tão apropriadas e conceituosas, que provam que no seu cerebro ha immensa poesia.

Quando occorrem as innundações dos campos do Riba-Tejo, é sabido que o campino se exercita, sem ostentação nem jactancia, em actos de tão singular abnegação, de tão extraordinario valor e de tão insigne lealdade, que n'outras classes, apesar do pregão benevolo e justiceiro da imprensa, mereceriam sem duvida o galardão dos governos. E, todavia, não é vulgar vêr uma medalha no peito d'esse homem, nem lêr nas folhas officiaes um diploma de louvor e incitamento.

Nem supponho que pensa n'isso. Não é vaidoso. Esses actos, de um heroismo digno de nota, provém da propria organisação, do seu caracter, dos exemplos dos antepassados que lhe foram herança. Pensa que antes da sua vida está a vida do gado e que só sacrificando-se por elle, é que póde bem servir o lavrador.

Quem em 1876 fosse ao Riba-Tejo ouviria a narração de alguns factos que o enlevariam. Basta citar um, entre tantos que ennobrecem o campino e o carecterisam. A agua cercava algumas cabeças de gado da viuva do sr. Emygdio Infante, de Alpompea, creio que no mouchão de Alhandra. Estava com ellas um animoso campino, de alcunha o *Galricho*, que fôra procurar meio de livrar-se do perigo no cimo do vallado; porém, de hora a hora, a agua crescia, e o perigo augmentava. A innundação apertava-lhe o cerco. Dos barcos que tinham ido de Lisboa para soccorrer os innundados, nenhum podia chegar áquelle vallado, nem sequer lançar-lhe a comida. O campino, firme em cima do cavallo, inquietava-o apenas uma coisa: a sorte do gado com que fugira para ali. Uma phrase unica, depois de quarenta horas de inquietações e agonias, descreve o seu coração: — Não teimem, gritava com voz forte aos que lhe pediam que, quando menos, se salvasse elle; não teimem, porque em quanto houver aqui uma besta para salvar, não largarei este posto. — E assim succedeu. Eis ahi um heroismo!

No que eu chamarei tribu dos campinos ha uma gerarchia: o primeiro grau é o dos roupeiros, que elles exercem quando menores; depois sobem a guardadores, ou a contra-maioraes; depois a maioraes de bois ratinhos, ou de bois da terra, ou de eguas, para os quaes são sempre escolhidos os mais intelligentes e praticos no grangeio das terras, porque o lavrador lhes entrega a guia ou ensino das eguas com as fainas da agricultura; e, por ultimo grau, os abegões. São estes os chefes da tribu e os responsaveis pelo seu serviço.

Para fazer realçar as qualidades d'estes homens, um estimavel escriptor dramatico, o sr. Salvador Marques, compôz um drama intitulado *Os Campinos*, representado com o melhor exito no theatro do Gymnasio, e onde brilhou o talento do actor Pinto de Campos, ornamento da scena portugueza.

O quadro para o qual escrevi estas linhas, foi desenhado pelo sr. Emilio Pimentel, filho do illustre visconde de Villa Maior, digno reitor da Universidade de Coimbra. É um bello quadro, que se não o recommendasse o nome de quem o assigna, considerado como primoroso artista entre os entendidos, sobejava-lhe para sobresair em a nossa collecção, a graça do desenho e a naturalidade da composição.

12 de Janeiro de 1879. BRITO ARANHA.

1879, Lallemant Frères, Typ. Lisboa



1879. Impresso por Lallemant Frères.

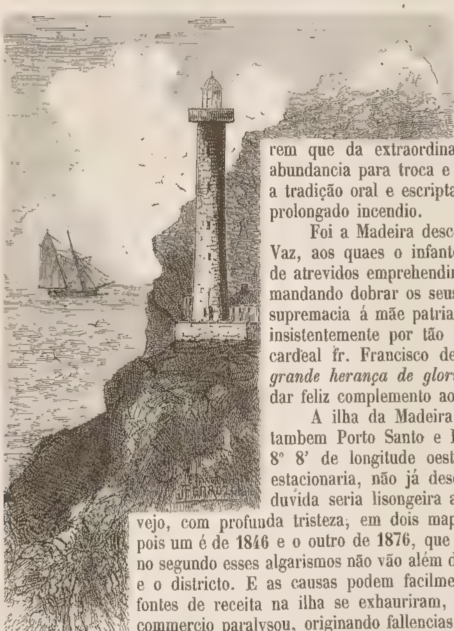
Empresa Horas Romanticas — Editora

O CAMPINO

DESENHO DE E. PIMENTEL

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

A PENHA DA AGUIA, NA ILHA DA MADEIRA



Quem sae do Tejo, por exemplo, n'um paquete em viagem para a Africa, o primeiro ponto da escala, e a primeira surpresa que se lhe depara, verdadeira surpresa, que já fôra o encanto de ousados navegadores no primeiro quartel do seculo XV, é uma formosa ilha, a que os antigos chamaram *Flôr do Oceano*, e a que os seus descobridores deram o nome de *Madeira*, ao pensarem que da extraordinaria e rica vegetação que a cobria havia de provir em grande abundancia para troca e exportação excellente madeira, o que não succedeu, segundo resa a tradição oral e escripta, porque a maior parte dos bosques foi devorada por espantoso e prolongado incendio.

Foi a Madeira descoberta em 1419 pelos navegadores João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, aos quaes o infante D. Henrique, com a mais profunda convicção no bom resultado de atrevidos emprehendimentos, encarregara de importantes explorações na costa da Africa, mandando dobrar os seus cabos, desde o de Nam, para descobrir novas terras e dar nova supremacia á mãe patria, para o engrandecimento da qual elle trabalhou tão consciente e insistentemente por tão longos annos; «legando, emfim, segundo a bella phrase do sabio cardeal fr. Francisco de S. Luiz, legando aos reis portuguezes e a toda a nação *uma grande herança de gloria*, e indicando aos vindouros o caminho que deveria seguir para dar feliz complemento aos seus vastos planos e desenhos.»

A ilha da Madeira é a principal de um grupo, ou archipelago, a que pertencem tambem Porto Santo e Desertas; e está entre 32° 30', 33° 7' de latitude norte, e 7° 9' e 8° 8' de longitude oeste, do meridiano de Lisboa. A sua população tem ficado muito estacionaria, não já desde os primeiros annos do seu descobrimento, em que por sem duvida seria lisongeira a comparação estatistica, mas dentro do presente seculo; e assim vejo, com profunda tristeza, em dois mappas, entre os quaes discorreu o longo periodo de trinta annos, pois um é de 1846 e o outro de 1876, que estando no primeiro registradas 119:000 almas, numeros redondos, no segundo esses algarismos não vão além de 120:000 habitantes nos dez concelhos que compõem o archipelago e o districto. E as causas podem facilmente indicar-se aqui, embora sejam lastimaveis. É porque muitas fontes de receita na ilha se exhauriram, é porque diminuiu muito a sua producção vinicola, é porque o commercio paralysou, originando fallencias; é porque os trabalhadores, vendo-se sem trabalho e olhando para as familias sem pão, procuraram n'outra corrente, a emigração para fóra da patria, quasi sempre como um sonho irrealisavel, os meios de dar actividade aos braços que a terra natal, por suas contrariedades e desgraças industriaes e commerciaes, enervára.

Apesar de tudo, na ilha da Madeira existem muitos elementos de vida; e se a energia dos seus mais dedicados filhos tem conseguido vencer e superar graves difficuldades, nas condições do clima e do solo, e no seu patriotismo, encontrarão elles em todo o tempo recursos para triumphar de maiores perigos. A producção do assucar e do vinho constituiram, desde todo o começo, das principaes riquezas da ilha, chegando a exportação do primeiro artigo a marcar na alfandega vinte mil arrobas annualmente e a do segundo doze mil pipas. Causas estranhas á actividade dos habitantes diminuiram muitissimo taes, e tão eloquentes, algarismos.

Em geral, nos livros estrangeiros, que mostram a sua grande ignorancia a respeito das cousas portuguezas, diz-se que o commercio da ilha está exclusivamente nas mãos dos inglezes, accrescentando-se que tudo ali é d'elles. Este erro tem sido rectificado; nasceu não só da idéa de que o primeiro descobridor fôra um inglez, alguns annos antes da expedição de Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, o que não está confirmado, mas tambem das transacções da colonia britannica, que com verdade tem logar saliente na ilha, onde as propriedades inglezas são de subido valor; e da affluencia de subditos de sua magestade britannica, que procuram de preferencia o clima da *Flôr do Oceano*, cujas saudaveis circumstancias elles reconhecem e apregoam, como se se tratasse de territorio conquistado por elles! A Madeira é montanhosa e vulcanica. Tem relevos orographicos de extraordinaria altura, rudo aspecto, fórmas caprichosas, em que se enleva o artista, e de que damos boa prova na estampa do presente numero.

O archipelago da Madeira chama a attenção do visitante por muitas curiosidades naturaes. Uma das mais notaveis é na villa do Porto da Cruz, a leste da ponta de S. Lourenço, a alta e escabrosa montanha, cujas vertentes talhadas a prumo tomam as fórmas de uma ilha, e a que os habitantes deram a denominação de *Penha da Aguia*. É a que a nossa gravura representa no bello desenho do sr. Emilio Pimentel.

BRITO ARANHA.

1879, Lallemant Freres, Typ. Lisboa



1879. Lisboa, Impresso por Lallemant Fr[illegible]es — Empreza Horas Romanticas — Editora

PENHA DA AGUIA, NA MADEIRA

DES. DE E. PIMENTEL

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

EPISODIO DOS LUSIADAS

Completam-se, no dia 10 de junho de 1880, trezentos annos que morreu o nosso grande épico Luiz de Camões. Este facto, que Portugal vae commemorar com diversas manifestações condignas a tão alto assumpto, ficará registado na historia litteraria com caracteres indeleveis. Não podem fugir as nações de dar taes signaes de vida, porque se ha homens que as honram, pelo seu assombroso engenho, tambem é forçoso que ellas saibam honral-os. E não basta para essa homenagem que se lhes erijam monumentos de pedra ou bronze; não basta que cada um dos que lêem e estudam renda o devido preito aos serviços relevantissimos d'esses homens; não basta que uma ou outra vez as homenagens do respeito e admiração se accentuem aos olhos de todos; isso é pouco, é pouquissimo. É mister, e indeclinavel dever, tornar mais frisante, á vista do povo, como lição e incitamento, a imagem d'aquelles que se ergueram a maior altura, tornando bem viva e radiante a sua memoria. É por isso que a Allemanha para o seu Goethe, que a Inglaterra para o seu Shakspeare, a Italia para o seu Dante, a Hespanha para o seu Cervantes, rememoram as datas em que esses vultos eminentes podem trazer á lembrança das gerações os factos que fizeram os seus nomes e as suas obras perduraveis na historia, levantando-os ante os que não os conheçam, dando nova luz ás suas figuras, accrescentando-lhes as corôas immarcessiveis que lhes cingem as frontes.

Não faltam pois, lá fóra, os centenarios que vão ligando o presente ao passado, que vinculam o presente ao futuro, que radicam no conceito publico as nobres acções, que perpetuam os grandes feitos, que testemunham a gratidão geral para com os que levaram, com a fama e a aureola do seu nome, o nome glorioso da patria a todas as partes do mundo. A esse grupo de gigantes, que merecem a admiração universal, pertence Luiz de Camões com os seus *Lusiadas*. Não tinha ainda Portugal prestado ao nosso grande épico a homenagem do centenario. Digamol-o, córando. Vae em 1880 pagar-se essa divida.

O *Album de Gravuras* associando-se a tal commemoração, e antecipando por essa razão o seu debil applauso, acolheu para aqui, e publica de uma das edições dos *Lusiadas*, que devem apparecer completas n'aquella epoca, a estampa que acompanha o presente numero. É um quadro do sr. Antonio Soares dos Reis, do Porto, e composição digna do poema, e do luxo da edição da empreza dos srs. Aristides Abranches & Duarte dos Santos. É o episodio do canto II, primorosamente reproduzido na gravura. Tem os *Lusiadas*, tão copioso de bellesas, admiraveis episodios, e tal é aquelle que serve de assumpto ao quadro.

As naus que levam Vasco da Gama ao descobrimento da India, seguem a sua derrota. N'um dos pontos da costa da Africa, ha receio da cilada urdida pelos mouros. Sabe-o Venus e quer a todo o custo prevenir esse desastre, que seria a destruição do temerario commettimento do ousado capitão. Venus desce ao mar, e, invocando as Nereidas, juntas encostam o peito ás naus, impedem-lhes a entrada no porto e as livram de novos e maiores perigos. As Nereidas:

> Já na agua erguendo vão com grande pressa,
> Com as argenteas caudas branca escuma;
> Doto co'o peito corta, e atravessa
> Com mais furor o mar do que costuma.
> Salta Nise, Nerine se arremessa
> Por cima da agua crespa, em força summa:
> Abrem caminho as ondas encurvadas,
> De temor das Nereidas apressadas.
>
> Nos hombros de um Tritão, com gesto acceso,
> Vae a linda Dione furiosa;
> Não sente quem a leva o doce peso,
> De soberbo, com carga tão formosa:
> Já chegam perto donde o vento teso,
> Enche as velas da frota bellicosa;
> Repartem-se, e rodeiam n'esse instante
> As naus ligeiras que iam por deante.
>
> Poem-se a deusa com outras em direito
> Da proa capitaina, e ali fechando
> O caminho da barra, estão de geito,
> Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
> Poem no madeiro duro o brando peito,
> Para detraz a forte nau forçando;
> Outras em derredor levando-a estavam,
> E da barra inimiga a desviavam.

Todos que conhecem o poema immortal, maravilha incomparavel do seculo XVI, verão facilmente que o sr. Soares dos Reis pôz n'esse quadro, com a mestria do seu lapis, o relevo que o grande poeta deu áquellas formosas estancias do canto II, e a que se associou o experimentado e vigoroso buril do professor João Pedrozo. Saudemos, portanto, o centenario de Camões, cujo serviço sem egual á patria, continuará a ser giganteo no discorrer dos seculos!

BRITO ARANHA.

1879 Lallemant Frères, Typ. Lisboa



1879, Impresso por Lallemant Frères

Empresa Horas Romanticas — Editora.

EPISODIO DOS LUSIADAS, CANTO II

COMPOSIÇÃO E DESENHO DE A. SOARES DOS REIS

A GRAVURA DE MADEIRA EM PORTUGAL

O DR. BERNARDINO ANTONIO GOMES



Pertenceu á grande familia, á brilhante pleiade dos homens de boa tempera, laboriosos, uteis, que trabalham mais para a patria que para si proprios; que deixam rasto luminoso na sua passagem, pela aureola que lhes cinge a fronte; que tem a sciencia como religião a que é devido culto fervoroso, constante e inadiavel; que são exemplo e incitamento salutar para as gerações porvindouras. Deixou, nos tres primeiros quarteis d'este seculo, vinculado o seu nome ao movimento scientifico de Portugal; firmada a sua fama nos estudos de um dos mais importantes ramos dos conhecimentos humanos, consoante com os seus trabalhos, a sua experiencia e as suas predilecções.

Filho de um homem, que deu contingente valiosissimo em prol da sciencia, não podia deixar de honrar o credito e as tradições da familia, e conservar impolluto e glorioso o appellido herdado. De poucos homens, na sua classe, se poderá dizer tanto, nem fazer mais ampla menção de serviços, como do dr. Bernardino Antonio Gomes.

A carreira do dr. Bernardino Antonio Gomes foi das mais radiantes que podem imaginar-se. Interrompido o curso de medicina, depois de ter-se formado com distincção em mathematica na universidade de Coimbra, onde lhe era offerecido um capello e um logar no corpo cathedratico, mas onde os acontecimentos politicos de 1828 o obrigaram a expatriar-se, como a tantos milhares de cidadãos dedicados á causa liberal; foi concluir os estudos da medicina, e receber, laureado nos exames, o grau de doutor na escola de Paris, de cuja capital saiu em 1831 com o illustre diplomata, então marquez de Palmella, para os Açores, e ahi o aguardava o encargo penoso e arriscadissimo de acompanhar a expedição militar que o imperador D. Pedro IV organisava para fazer firmar o throno constitucional de sua filha, a rainha D. Maria II, no memoravel cerco do Porto, povoado de dedicações e heroismos de epopéa. Tão notaveis e extraordinarios foram os serviços que o dr. Bernardino Antonio Gomes prestou, durante aquelle cerco, já nos hospitaes militares, já na cidade, por occasião de ser invadida, depois do flagello da guerra, pelo flagello do cholera-morbus, que sua magestade o imperador pôz por suas mãos no peito do illustre medico a medalha da Torre e Espada, condecoração unica, apesar de tantas que recebera por outros serviços relevantes, de que elle referia com justificado orgulho a nobre origem. Na epidemia, o dr. Bernardino Gomes consumiu, ao par de esforços sobre-humanos em numerosa clinica, horas de estudos para importantissimos resultados. D'ahi se originaram algumas publicações, em que sustentou com vantagem, entre os medicos mais conspicuos do seu tempo, a natureza do cholera-morbus, que viu confirmada não só pelas observações medicas, mas tambem pelo estudo directo dos germens atmosphericos.

O dr. Bernardino Antonio Gomes, regressando a Lisboa ao findarem as campanhas da liberdade, aqui exerceu muitas e variadas commissões, em que demonstrou o seu zelo e a sua dedicação; e, ora nos hospitaes, ora no professorado, ora no desempenho de difficeis commissões, desenvolveu por egual a sua actividade, revelando os seus vastos conhecimentos scientificos e a sua constante applicação. Assim, ao entrar na escola medico-cirurgica de Lisboa, em que leccionou materia medica e pharmaceutica, tratou para logo de lançar as bases de um laboratorio pharmaceutico e fundou o horto botanico, organisando um catalogo das plantas do jardim e redigindo um compendio de pharmacologia geral, de que se fizeram tres edições.

Um dos seus mais eminentes serviços á patria foi, por sem duvida, a reivindicação para Portugal das collecções angolenses do dr. Welwitsch, o que o obrigou a ir a Londres duas vezes, defendendo em extensos relatorios o direito que tinha o governo portuguez de rehaver taes collecções.

É mui extensa a relação das obras do dr. Bernardino Antonio Gomes e por tal modo apreciadas, que a sua fama não se limitou sómente ao paiz, mas chegou ao estrangeiro, onde o seu merito era lisongeiramente apreciado, como podia provar-se na copiosa correspondencia que mantinha com alguns dos mais illustres e abalisados sabios, e com o grande numero de diplomas que possuia das primeiras academias de sciencias e das sociedades medicas da Europa. Entre as controversias, que sustentou em favor do systema da medicina allopatha, contra a homœopathia, não foi a de menor ruido a que teve com o marechal duque de Saldanha, o qual, no meio de seus quefazeres officiaes e politicos, quiz defender o ultimo dos systemas.

O dr. Bernardino Antonio Gomes, por vezes, recusou honras, que se lhe offereciam, como lisongeiro galardão de merecimentos; e posso affiançal-o que o fez com a mais louvavel tenacidade quando sua magestade el-rei, o sr. D. Luiz, intervindo n'isso o seu amigo particularissimo, o finado general marquez de Sá da Bandeira, lhe offereceu um titulo, no momento em que o illustre professor pedia e instava para que o exonerassem do cargo de primeiro medico da real camara.

Falleceu o dr. Bernardino Antonio Gomes, após uma doença de seis mezes, que lhe prostrára emfim o seu vigoroso talento e entorpecera a sua proverbial actividade, ás 4 horas da tarde do dia 8 de abril de 1877, vendo sempre junto do leito dois filhos, que o honravam a elle e á patria, e que avivavam os clarões da gloria sobre o honrado nome que lhes deixava — os srs. Henrique de Barros Gomes, ao presente ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e Bernardino de Barros Gomes, distincto engenheiro, e actualmente director dos pinhaes nacionaes de Leiria.

30-3-80.

Brito Aranha.

1880, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.



1880, Impresso por Lallemant Frères. Empresa Horas Romanticas — Editora

R. A. Gomes.




G.P.
PEDROZO

